PROJETO DE EXTENSÃO: CULTURA DO LUGAR NO COTIDIANO ESCOLAR

Escola Municipal Noé Simplício do Nascimento
Povoado Bonifácio em Palmeira dos Índios (AL)

Ana Cristina de Lima Moreira
Lívia Maria Correia Araújo
Gustavo Souza Barros
Josefa Camila Santos da Silva
(Organizadores)



Editora GPHIAL

PROJETO DE EXTENSÃO: CULTURA DO LUGAR NO COTIDIANO ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL NOÉ SIMPLÍCIO DO NASCIMENTO
POVOADO BONIFÁCIO EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS (AL)

Ana Cristina de Lima Moreira
Lívia Maria Correia Araújo
Gustavo Souza Barros
Josefa Camila Santos da Silva

PROJETO DE EXTENSÃO: CULTURA DO LUGAR NO COTIDIANO ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL NOÉ SIMPLÍCIO DO NASCIMENTO POVOADO BONIFÁCIO EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS (AL)

Editora GPHIAL
Palmeira dos Índios – AL
2026

GRUPO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA INDÍGENA DE ALAGOAS
Coordenador: José Adelson Lopes Peixoto.
Endereço: Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus III, Rodovia Eduardo Alves da Silva, km 3, CEP: 55.600-000, Graciliano Ramos, Palmeira dos Índios-AL.
Contatos: Tel: (82) 3421-5678. E-mail: gphial@uneal.edu.br. Site: www.gphial-uneal.com.br

COMISSÃO EDITORIAL
Presidentes: Adauto Santos da Rocha; José Adelson Lopes Peixoto.
Titulares: Adauto Santos da Rocha; Brunemberg da Silva Soares; Vinícius Alves de Mendonça.
Editores executivos: Adauto Santos da Rocha; Brunemberg da Silva Soares; Vinícius Alves de Mendonça.
Direção editorial: Adauto Santos da Rocha; José Adelson Lopes Peixoto.
Diagramação: Williane Antônia Soares dos Santos.
Capa: Sara Freitas da Silva; Williane Antônia Soares dos Santos.
Design gráfico: GHIPAL
Revisão de diagramação: Ezequiel Pedro Farias Cajueiro.
Secretaria: Williane Antônia S. dos Santos

CONSELHO CIENTÍFICO
Alexandre Ferraz Herbetta (UFG)
Cristiano Cézar Gomes da Silva (UNEAL)
Edson Hely Silva (UFPE/UFRPE)
Francisca Maria Neta (UNEAL)
Gilberto Geraldo Ferreira (SEE/AL)
Iraci Nobre da Silva (UNEAL)
João M. Braga de Mendonça (UFPB)
Karina M. Ribeiro da Silva e Melo (UPE)
Lucas Gama Lima (UFS)
Maria da Penha da Silva (UFPE)
Ricardo José Lima Bezerra (UPE)
Rubens Pessoa de Barros (UNEAL)
Samara Cavalcanti da Silva (UNEAL)
Siloé Soares de Amorim (UFAL)
Suzana Santos Libardi (UFAL)
Zuleica D. Pereira Campos (UNICAP)

Observação: todos os conteúdos (textuais e imagéticos), bem como os usos ortográficos publicados neste livro, são de inteira responsabilidade do autor, não cabendo à Editora GPHIAL responder por quaisquer implicações jurídicas.
*Este livro foi avaliado e aprovado às cegas por mais de dois pareceristas *ad hoc*.
**A publicação desta obra foi integralmente financiada com recursos da Pró-reitora de Extensão – PROEXT, conforme Edital nº 068/2023.

Bibliotecária: Elisangela Dias de Carvalho - CRB/4 nº 2072

P964
Projeto de extensão: cultura do lugar cotidiano escolar: Escola Municipal Noé Simplício do Nascimento Povoado Bonifácio em Palmeira dos Índios (AL) / Ana Cristina de Lima Moreira, Lívia Maria Correia Araújo, Gustavo Souza Barros, Josefa Camila Santos da Silva. (Organizadores). — Palmeira dos Índios, AL: GPHIAL, 2026. 141 p.: il., color.

E-Book.
ISBN digital – 978-65-02-32666-4.

1. Assunto. I. Moreira, Ana Cristina de Lima (org.). II. Araújo, Lívia Maria Correia (org.). III. Barros, Gustavo Souza (org.). IV. Silva, Josefa Camila Santos da (org.).

APRESENTAÇÃO

Esta obra é resultado da proposta do Projeto de Extensão e Curricularização, conforme Edital nº 068/2023 da Pró-reitora de Extensão – PROEXT, aprovado pelo Colegiado do Curso de Geografia/UNEAL, Campus III, intitulado: "Cultura do Lugar no Cotidiano Escolar." As ações estão sendo realizadas em Palmeira dos Índios, no Povoado Bonifácio, mas especificamente, na Escola Municipal Noé Simplício Nascimento, desde dezembro de 2023 aos dias atuais.

O Projeto tem o objetivo de trabalhar a Geografia Cultural enfatizando diversas áreas do conhecimento, buscando compreender o cotidiano dos sujeitos que vivem na comunidade. Nesse propósito, foi feita uma pesquisa tendo como protagonistas os alunos do Ensino Fundamental da Escola Noé Simplício e os moradores do Bonifácio relacionando às questões socioculturais que caracterizam o lugar, proporcionando uma compreensão mais profícua dos afazeres que identificam a cultura, dentre elas a religiosa e suas tradições que estão relacionadas a Festa do Padroeiro (cavalhada), os atos devocionais e a influência na comunidade. O propósito foi explorar o cotidiano e a vivência das pessoas através de entrevistas semiestruturadas realizadas com os alunos da UNEAL/Geografia (7º período) e os alunos da Escola Noé Simplício do Nascimento (7ºs aos 9ºs anos).

A temática pôde ser explorada no Curso de Geografia, da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, Campus III, em Palmeira dos Índios, a partir das disciplinas: Geografia de Alagoas e Metodologia do Ensino da Geografia ministradas pela Professora Dra. Ana Cristina de Lima Moreira.

A partir das memórias, deu-se início a produção do livro do Povoado Bonifácio trazendo uma experiência rica em conhecimentos, aprendizados e vivência com os moradores da comunidade, bem como a oportunidade de, principalmente, os alunos e pessoas de outras comunidades conhecerem melhor a história do Povoado com seus desafios, lutas, realizações e as expectativas. Entende-se que o "CHÃO DA ESCOLA é fértil e faz brotar"! É nessa certeza que se fez opção em trabalhar com as turmas do Ensino Fundamental dos anos finais para as entrevistas e com as turmas da Educação Infantil (Pré), foi feita a contação de história sobre a cultura do lugar, ou seja, especificamente a cavalhada desde a Idade Média, a chegada no Brasil através dos Jesuítas e a tradição nas Festas de Santos, realizada na Festa de São Sebastião padroeiro do Povoado.

Diante da proposta, foi necessário a implantação da Cavalhada Infantil e uma Banda de Pífano com a participação dos Quilombolas da Tabacaria, tendo como foco a participação de cavaleiros e tocadores do lugar para a transmissão de saberes. O Projeto está em plena atividade com apresentações dos cavaleiros e banda de pífano a convite, em várias instituições públicas e privadas, bem como para autoridades (Prefeitos, Vereadores, Deputados e Governador Paulo Dantas).

Para que o Projeto tivesse êxito foi indispensável a parceria do Município de Palmeira dos Índios com a Universidade/UNEAL, através do Ex-Prefeito Júlio Cezar -atual Secretário de Relações Federativas e Internacionais de Alagoas. Atualmente, mantém-se a parceria com a Prefeita Tia Júlia e a Secretaria de Educação representada por Renilda Pereira e Ana Holanda (egressas da UNEAL) bem como total apoio de Vanessa Bazilio e Gildete dos Santos gestoras da Escola Noé Simplício. Não obstante, ressalta-se a participação incansável dos coordenadores e professoras

especificamente (Verônica Canuto, Márcia Rosângela e Maria Monteiro), coordenadores Welber Ângelo de Araújo e Maubia Barros Padilha Farias que não mediram esforços para que todas as ações acontecessem a contento.

Os resultados vão além do esperado, pois, constata-se que a equipe conseguiu realizar a produção de um livro, promover a participação dos sujeitos do lugar, independente do grau de escolaridade, visto que o mais importante foi o envolvimento através das memórias. Está sendo uma experiência de vida para cada entrevistado (a) e entrevistador, pois, ficou explícito os olhares de pertencimento da comunidade, o entendimento que sempre irá sentir a necessidade de melhorias e a importância da educação de qualidade.

O livro está dividido em nove capítulos que contam a origem do Povoado, o povoamento e suas peculiaridades, os desafios do tempo, a realidade e as expectativas. Falam sobre a Associação, a Cooperativa e a Fábrica de Pipoca Boni, a Religiosidade Popular, a Festa de São Sebastião e de Padre Cícero, a Escola Noé Simplício e o Projeto Cultura do Lugar no Cotidiano Escolar.

Prof.ª Dr.ª Ana Cristina de Lima Moreira Professora
Titular do Curso de Geografia e Pedagogia
Coordenadora do projeto de extensão

SUMÁRIO

Prefácio
Sanadia Gama dos Santos 12

CAPÍTULO I – ORIGEM DO POVOADO BONIFÁCIO
Ana Cristina de Lima Moreira; Kauanne Kefanne C. Fernandes; Nayane Cristiny Silva Tenório 16

CAPÍTULO II – O POVOAMENTO DO BONIFÁCIO E SUAS PECULIARIDADES
Ana Cristina de Lima Moreira; Jeferson Almeida Barbosa; Milene de Melo Silva 25

CAPÍTULO III – BONIFÁCIO E OS DESAFIOS DO TEMPO
Ana Cristina de Lima Moreira; Gustavo Souza Barros; Maiara da Silva Lima 34

CAPÍTULO IV – POVOADO BONIFÁCIO: REALIDADE E EXPECTATIVAS
Ana Cristina de Lima Moreira; Douglas Januario da Silva Santos; Josefa Camila Santos da Silva 41

CAPÍTULO V – ASSOCIAÇÃO, COOPERATIVA E FÁBRICA DE PIPOCA BONI
Ana Cristina de Lima Moreira; Letícia Mayara Nunes da Silva; Natália Santos da Silva 51

CAPÍTULO VI – RELIGIOSIDADE POPULAR
Ana Cristina de Lima Moreira; Inglis Leite da Silva; Joseline da Silva Santos 62

CAPÍTULO VI – A ORGANIZAÇÃO DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO

Ana Cristina de Lima Moreira; Lívia Maria Correia Araújo; Ranyara Oliveira da Silva 82

CAPÍTULO VIII – ESCOLA NOÉ SIMPLÍCIO DO NASCIMENTO

Ana Cristina de Lima Moreira; Gustavo Souza Barros; Lívia Maria Correi Araújo 91

CAPÍTULO IX – PROJETO DE EXTENSÃO: CULTURA DO LUGAR NO COTIDIANO ESCOLAR NA ESCOLA NOÉ SIMPLÍCIO

..... 103

INÍCIO DAS ENTREVISTAS COM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II E OS ALUNOS DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNEAL 112

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO 125

Glossário 130

Índice Remissivo 132

SIGLAS

APALCA- Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes
CEBAS -Entidade Beneficente de Assistência Social
COPERBONI-Cooperativa da Pipoca Boni
PAPS -Programa de Apoio a Projetos Sociais
UNEAL-Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL
URV-Unidade Real de Valor
USB- Unidade Básica de Saúde



O Projeto Cultura do lugar no cotidiano escolar recebeu o selo/ODS, certificação que reconhece organizações públicas, privadas e educacionais por projetos alinhados aos Objetivos da Organização do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas-ONU.

PREFÁCIO

PROJETO DE EXTENSÃO...

A cultura do lugar no cotidiano escolar, é uma produção organizada pela professora Ana Cristina de Lima Moreira e discentes do curso de geografia do Campus III- em Palmeira dos Índios. A obra é um resultado das vivências e experiências do projeto de extensão: A cultura do lugar no cotidiano escolar, realizado no povoado Bonifácio, município de Palmeira dos Índios. É um projeto que teve apoio do edital 068/2023, de extensão e fortalecimento da inserção curricular da extensão, à luz da Resolução 07/2018 do CNE/CEB nacional e situa-se na dimensão cultural da extensão conforme as diretrizes da Política Nacional de Extensão.

A obra divide-se em oito capítulos construídos pela organizadora e seus alunos a partir de suas vivências no chão da escola e do povoado, que se afeiçoam de pessoas, experiências, contatos, cultura, memória, sobretudo no chão da escola- espaço institucionalizado e importante para que a perpetuação da cultura e suas diversas manifestações estejam materializadas na Cavalhada- representações teatrais que remontam fé, saberes, tradição e cultura e que por meio do projeto são vivenciadas para que os diversos saberes estejam presentes na vida do povo, através do processo educativo.

Vale ressaltar, que a obra apresenta a descrição detalhada das vivências, e sobretudo da participação e protagonismo estudantil dos discentes do curso de geografia envolvidos no processo, que se caracteriza na troca de saberes entre a Universidade e o povo, importante característica do fazer extensão no conjunto de seu tripé

entre o ensino e a pesquisa para que se garanta formação humana e cidadã a todos os discentes que aperfeiçoam seus conhecimentos no chão da vida da comunidade a partir das histórias e das experiências vivenciadas no seu processo formativo.

Nesse sentido, a presente obra busca fortalecer a memória e a descrição de fatos importantes de suas ações, por meio desse projeto de extensão que se entrecruza nas veredas do currículo do curso de geografia e pretende desbravar, com sua ousada proposta outras áreas do conhecimento, num profundo viés interdisciplinar entre o real e o simbólico, entre o presente, passado e futuro e se conectar com aquilo que é sagrado e profundamente importante na história do povo como patrimônio material e imaterial de seus saberes, cultura e conhecimento popular.

A obra divide-se em oito capítulos, frutos da vivência do processo de imersão e pesquisa, no decorrer da execução desta ação de caráter extensionista, descrevendo desde as origens do Povoado Bonifácio, processo de povoamento e enfrentamento dos oradores diante dos latifúndios e os desafios na estagnação do povoado por um determinado período, como a formação religiosa com a presença da igreja, os problemas sociais como a falta de água. Assim, como novos olhares para o povoado no âmbito da economia, na política e na educação; O surgimento da escola Noé Simplicio como política pública de educação do/no campo para a população e o fortalecimento comunitário por meio da associação, cooperativismo e as manifestações devocionais por meio da fé católica e de manifestações da cultura popular e religiosa do povo como forma de resistência e de participação coletiva.

Por fim, a ressignificação da cavalhada e da banda de pífano no chão da escola e a produção dessas memórias realizadas pelos estudantes da

escola e suas interações com a UNEAL.

Prof.ª Dr.ª Sanadia Gama dos Santos
Pró-reitora de Extensão Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL


POVOADO BONIFÁCIO
1832
ESCOLA

CAPITULO I

ORIGEM DO POVOADO BONIFÁCIO

Ana Cristina de Lima Moreira[1]
Kauanne Kefanne C. Fernandes[2]
Nayane Cristiny Silva Tenório[3]

O povoado Bonifácio está localizado em Palmeira dos Índios a aproximadamente 13 km do centro da cidade, cujo acesso inicialmente é realizado pela BR 316 e, logo em seguida pela AL 210 que dá acesso ao município de Quebrangulo. O referido povoado foi contemplado com uma pavimentação asfáltica de 9 km, inaugurada em 25 de março 2022, com recurso estadual no governo de Paulo Dantas que, tem início da entrada do Povoado Buenos Aires à fábrica de Pipoca BONI, como representado na fotografia 01.

[1] Ana Cristina de Lima Moreira, Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: cristinamoreira@uneal.edu.br
[2] Kauanne Kefanne Calixto Fernandes, graduanda em Geografia. E-mail: kauanne.santana.2021@alunos.uneal.edu.br
[3] Nayane Cristiny Silva Tenório, graduanda em Geografia. E-mail: nayane.tenorio.2021@alunos.uneal.edu.br

Fotografia 01 – Portal da Entrada do Povoado Bonifácio

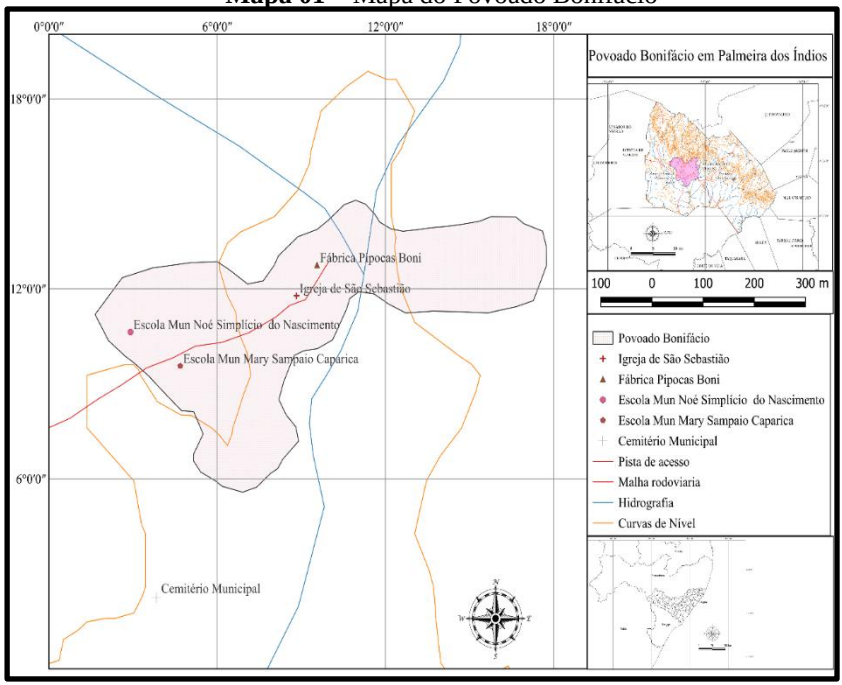


Fonte: Google Earth, 2025

O povoado é organizado, urbanizado, Igrejas Evangélica e a Católica datada de 1915, há também praças bem cuidadas, Fábrica de Pipoca BONI, Centro Comunitário, Unidade Básica de Saúde (UBS), Escola Municipal Noé Simplício e a Escola Municipal Mary Sampaio Caparica. Nesse contexto, ainda conta com mercados, padaria e outros pequenos comércios.

Através da cartografia vê-se a localização das edificações citadas, e a forma como estão organizadas no espaço geográfico. É importante entender algumas questões pertinentes ao povoado, dentre elas, que se trata de uma área rural, porém, urbanizada. Conforme o mapa (01) é possível observar a malha rodoviária, a hidrográfica e as principais edificações citadas.

Mapa 01 – Mapa do Povoado Bonifácio



Fonte: Araújo, Barros, 2025.

Além do espaço modificado, enfatiza-se a presença da hidrografia, principalmente, através do rio Coruripe, responsável em saciar a sede dos moradores mais antigos, sendo, pois, um dos fatores responsáveis pela ocupação do lugar, além da boa terra e localização estratégica, próxima ao centro urbano de Palmeira dos Índios.

A ocupação do Povoado Bonifácio é datada de mais de um século, que de acordo com a entrevista realizada com Severino Conrado da

Silva[4] , (Sr. Conrado), nascido em 05 de maio de 1956 (69 anos), morador do lugar que, em sua trajetória de vida já desenvolveu várias atividades, dentre as elas agricultor, pedreiro, técnico em eletrônica e líder comunitário. Sua fala trouxe grandes contribuições, cuja memória estar atrelada às histórias contadas por sua tia (1906) Umbelina Maria da Conceição.

A vivência com ela foi o ponto de partida para que desse informações muito importantes sobre a formação do povoado. Assim, ele lembra muito bem das "histórias contadas" dizendo que o Bonifácio começou próximo à Serra de São José, fato que de certa forma inviabilizava a comunicação com outras localidades.

Conrado, ainda bem jovem, aproveitava as experiências vividas e questionava: "Tia Umbelina, vejo que no meu tempo são muitas dificuldades enfrentadas. Mas como era no seu tempo? A resposta era imediata, com exclamação: "Ave Maria!"

> Ela contava tanta história, era muito difícil, difícil, difícil! E, eu ficava imaginando como era que esse povo sobrevivia numa crise daquela que ela contava, muita gente morria de fome, outros com doenças prejudicial, que hoje são descobertas. Mas antes tinha a doença, mas não tinha descoberta para isso, não tinha enxame nem nada e assim era a vida. A comunidade era muito pobre, muito fracassada!

A princípio, a comunidade era conhecida como fazendinha, porque fazia divisa com uma fazenda e, em virtude desse fato, deu-se o nome

[4] Severino Conrado da Silva em entrevista concedida na Escola Noé Simplício, em 2024

ao Povoado de Fazendinha. Durante as entrevistas, não foi possível identificar o nome da fazenda, mas, o proprietário era Antônio Azarias da Costa, o Major Azarias, prefeito em Palmeira dos Índios, de 12 de fevereiro de 1858 a 14 de novembro, de 1861.

Conrado, se volta um pouco para a História que aconteceu na segunda metade do século XIX, contando que Major Azarias foi responsável pela doação de terras "da divisa do rio até a grota" para a Igreja Católica. Contudo, um de seus filhos era chamado Bonifácio, fato que nos faz entender o nome atribuído ao Povoado Bonifácio, em homenagem ao filho de Azarias como uma forma de agradecimento pelo feito.

É importante enfatizar a fala de Inácio Erasmo dos Santos[5] (80 anos) sobre a origem do Povoado:

> O Bonifácio é o seguinte: a primeira família que chegou aqui no Bonifácio não foi do meu "alcance", mas eu ouvia falar, que se chamava Bonifácio. Também chegou um grande proprietário aqui, se chamava Chico Ferreira foi um fazendeiro muito grande que sustentava as pessoas mais pobres, pagava dinheiro para as pessoas trabalharem, na propriedade.

Possivelmente, a família que o Senhor Inácio Erasmo se refere, seja a de Azarias, bem como o fazendeiro que sustentava os pobres. Sobre esse fato o Sr. Ivonildo Fernandes da Silva, viúvo, morador do Bonifácio contribui com a temática dizendo que foi Chico Ferreira quem doou o terreno da Igreja.

[5] Inácio Erasmo dos Santos em entrevista realizada na Escola Noé Simplício, em 2024.

Fotografia 02 – Igreja de São Sebastião no povoado Bonifácio



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Prancha fotográfica 01 – Parte interna da Igreja de São Sebastião-Altar



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

É fato incontestável que a igreja de São Sebastião foi construída em 1915, então, Chico Ferreira e sua família já moravam em Bonifácio.

É uma igreja de estrutura totalmente em alvenaria, organizada, que ao longo do tempo teve necessidade de reformas e

modernização, ou seja, fato que é visível no forro em PVC branco. O altar apresenta nicho com a imagem do padroeiro(São Sebastião) ao centro ladeado do Coração de Jesus, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graças dentre outros santos.

Inácio Erasmo continua:

> No Bonifácio foram se alojando, nascendo, foi se criando e lá vai, lá vai... hoje o Bonifácio tem uma porção de casa, antes você contava as casas de Bonifácio aqui "acolá". Outras famílias também a do finado Vicente, Chico Tenente, foram essas as pessoas mais velhas desse lugar e foi o Francisco Ferreira (Chico Ferreira) que doou o terreno onde a igreja foi construída e outros terrenos "lá para cima", para o povo construir casa.

Nesse propósito, sobre a origem do Bonifácio Auta Tânia, embasada em suas pesquisas diz que "passou um viajante nessa comunidade cujo nome era Bonifácio. Ele doou algumas frações de terras contribuindo para o crescimento do povoado." É perceptível que pela falta de registro e o próprio tempo, os sujeitos do lugar são os protagonistas que contam as memórias baseadas no que ouviram. Dessa forma, é possível que haja algum fato e/ ou fala que apresenta contradições, no entanto, não faz perder a grandeza e a originalidade da história do Bonifácio.

Conrado fala que a terra doada para a Igreja faz parte do território do Bonifácio, mas a doação foi para a paróquia, que a época ainda não era Catedral. "Depois criou-se, a Catedral e Palmeira dos Índios ganhou um presente, a Diocese." A Catedral passou por reformas, pois, a princípio foi feita de taipa e apenas o altar de alvenaria. Ele lembra a figura de Monsenhor Macedo, grande representatividade na História de Palmeira dos Índios, principalmente, no contexto histórico religioso e

social.

> E o padre Macedo, não sei se vocês já ouviram falar? Era Monsenhor Macedo, o pároco. Foi ele que andou pedindo ajuda ao povo para a reforma, mas essa ajuda não chegava ao ponto de construir uma igreja daquela/catedral. Então, ele resolveu vender, as terras que as igrejas das comunidades tinham, inclusive a do Bonifácio. E aqui quando ele vendeu deixou uma parte de terra, passando da estrada para lá, tudo pertencia a Igreja, doada para o Padroeiro. Com tempo, o pessoal passou uma estrada lá e tomaram conta da parte citada, já não deixaram chegar no rio, ficando aquele monte de casa ali que hoje pertence a igreja. Pouca gente tem documento daquelas casas, porque não tem como tirar. É como se fosse uma doação! Aí a comunidade ficou sem poder crescer. Porque só era esse pedacinho de terra, a população foi crescendo e precisava fazer casa.

A Igreja, enquanto, Instituição Religiosa, em Palmeira dos Índios, na condição de Diocese a princípio pertencia a Penedo, haja vista, que a nossa Diocese foi implantada a partir da década de 60 do século passado. De acordo com os moradores, o povoado ficou estagnado, sem crescimento por um determinado período em virtude de as terras pertencerem a poucas pessoas, inviabilizando a chegada de outros moradores.

Trata-se então, dos grandes latifúndios, questão ainda atual no nosso país, pois, mesmo com grandes extensões territoriais, convivemos com situações de famílias sem-terra. Em Bonifácio, há algumas situações adversas que serão citadas.


POV. BONIFÁCIO
PIPOCA
BOM
CRUZ
CAVALH
IGREJA
1832
PADRINHO

CAPITULO II

O POVOAMENTO DO BONIFÁCIO E SUAS PECULIARIDADES

Ana Cristina de Lima Moreira[6]
Jeferson Almeida Barbosa[7]
Milene de Melo Silva[8]

O povoamento do Bonifácio, apresenta suas peculiaridades, pois, os relatos corroboram com essa afirmação, dentre eles os dos irmãos Tereza dos Santos Pereira (1947) e Sebastião Cassemiro dos Santos (Basto), um agricultor que afirma conhecer muito bem o Bonifácio.

Basto, dançava reisado, mas gosta mesmo é de trabalhar na roça, brocando mato, fazendo plantio de feijão, de milho, de maxixe, de quiabos dentre outros produtos para a subsistência, além de vender pipoca e balas em uma barraquinha ao lado da Escola Noé Simplício. “Nosso pai falava que parece que o Bonifácio começou com dez casas, e aqui tinha um sobradinho né?” A mesma afirmação é confirmada por Dona Maria Ferreira dos Santos (Nem) quando diz: “existiam algumas casas velhas! Era das pessoas mais antigas e foram derrubadas para a construção das casas que se encontram perto da igreja”.

[6] Ana Cristina de Lima Moreira, Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: cristinamoreira@uneal.edu.br
[7] Jeferson Almeida Barbosa, graduando em Geografia. E-mail: jeferson.barbosa.2021@alunos.uneal.edu.br
[8] Milene de Melo Silva, graduanda em Geografia. E-mail: milene.melo.2021@alunos.uneal.edu.br

Fotografia 03 – Casa da Dona Maria Ferreira dos Santos



Fonte: Acervo dos autores, 2025

A Professora Maria José dos Santos (Zinha), destaca que sua família sempre morou no Bonifácio cuja família é numerosa, haja vista que seus pais tiveram 11 filhos e ela foi a primeira a sair do povoado para estudar, Ensino Superior e Especialização em Gestão Escolar.

Porém, com o passar do tempo as situações foram sendo ajustadas e, nesse contexto, aparece o latifundiário Noé Simplício, responsável por realizar algumas doações de terras. Mas além das doações, ele vendeu terras para as pessoas que tinham um poder aquisitivo melhor, promovendo assim, a chegada de novos moradores, cujas casas estão localizadas no espaço urbano do povoado. Atualmente, são aproximadamente cem casas na área urbana e vê-se que houve uma evolução considerável, pois, era apenas um pequeno “pedaço de terra”.

Imagem de satélite 01 – Povoado Bonifácio, 14\03\2009



Fonte: Google Earth, 2025.

Imagem de satélite 02 – Povoado Bonifácio, 16\11\2023



Fonte: Google Earth, 2025.

As famílias que moravam no Bonifácio têm em suas memórias, situações difíceis e de superações que serão narradas pelos moradores, cuja maioria destaca os feitos e ou atividades dos pais que trabalhavam na agricultura plantando para a subsistência, ou seja, alimentar seus filhos. O que se destacava para o comércio, era o algodão. Dessas memórias pode ser citada:

Cícera Barbosa Nunes[9], professora e funcionária pública municipal diz que: "o Povoado também recebeu a família Barbosa Nunes, em 1920. Seu pai Elias Correia Nunes morava no Cedro e tinha terras em Bonifácio. A árvore genealógica da família é de Garanhuns. Mas seu avô veio para o Cedro, um povoado bem próximo ao Bonifácio e lá, encontrou uma mulher muito bonita e casou-se com ela. Há um fato interessante, ou seja, ela era indígena e morava na mata.

Na família de Cícera foram 17 filhos, cuja matriarca Therezinha Barbosa Nunes (in memoriam), a quem ela chama de "guerreira", "Ela era uma coisa linda! Sem contar com seus dentes de ouro (risos)!" Therezinha, casou-se muito jovem, com aproximadamente13 anos, mas sonhava alto, era além do seu tempo.

Foi ela quem fundou a Associação da Comunidade e segundo sua filha, levava pessoas para ensinar a bordar, pintar, fazer curso de culinária dentre outras atividades, bem como incentivava seus filhos a estudarem. Mas apesar do esforço de seus pais, nem todos os irmãos quiseram estudar, contudo, as mulheres realizaram o sonho deles, de serem professoras e duas ocuparam o cargo de diretoras, inclusive a entrevistada.

[9] Cícera Barbosa Nunes em entrevista na Secretaria de Educação Municipal de Palmeira dos Índios, 2024

Nesse propósito, de relatar as memórias, Maria do Amparo Lima Correia Santos[10] (54 anos) conhecida como “Preta”, funcionária da Escola Noé Simplício, destacou que a fonte de renda de seus pais era o plantio do algodão: “plantavam hectares e a gente tinha um armazém enorme e aquele armazém era superlotado de algodão”.

Quanto as brincadeiras de criança: “a gente pegava o algodão para colocar em sacos bem grandes, enormes! Daí, começávamos a brincar pulando dentro para “apilar”[11] o algodão. E a gente vivia, assim!” A ocupação era muito boa e divertida, ou seja, colocar algodão dentro dos sacos e apilar, talvez a ajuda era pequena, mas para as crianças era importante e divertida. Então, durante o verão seu pai vendia e arrecadava dinheiro[12].

Nem tudo se resumia em brincadeiras de criança peculiares na vida de quem mora no campo cheia de liberdade sem se preocupar com o relógio...Mas Maria do Amparo lembra que não era fácil! “E assim... se eu for falar da minha vida... foi meio difícil! Há uma diferença grande daquela época. Porque antigamente os meus pais venderam terra para pagar transporte para que fôssemos estudar.” Nota-se que havia preocupação com a formação escolar dos filhos, haja vista que o pai de Amparo achou mais rentável, vender terras para colocar o dinheiro no banco e com os juros pagar o transporte para ela estudar.

O latifúndio, também foi importante para o pai de Cícera Nunes que, garantiu o estudo dos filhos e o trabalho para algumas pessoas que moravam no Bonifácio. Sua filha tem orgulho em dizer que era “um

[10] Maria do Amparo Lima Correia dos Santos em entrevista na escola Noé Simplício, 2024.
[11] Apilar significa compactação de terra.
[12] Maria do Amparo Lima Correia Santos (54 anos) em entrevista concedida na Escola Municipal Noé Simplício.

homem bom", pois segundo ela, permitia que as pessoas fizessem roça em suas terras, cavassem barro para fazer suas casas, pois, a época era comum casa de taipa.

Cícera Nunes guarda essa imagem (01) feita a lápis grafite de um esboço do Povoado Bonifácio, com suas poucas casas, armazém, igreja e uma praça imaginária. O casarão já era antigo, possivelmente tenha pertencido a Francisco Ferreira Barbosa a época já falecido. Quanto a casa, foi destruída e depois ela e seus irmãos saíram do Bonifácio para estudar.

Imagem 03 – Desenho a lápis grafite do Povoado Bonifácio



Fonte: Cícera Nunes, 2024.

Vale destacar que, pode ser evidenciada a presença dos ciganos que passavam por ali. Geralmente, vinham ou iam até a Serra de São José, sendo necessário pedir hospedagem nas casas. Assim, eles dormiam nos alpendres da casa dos pais (Cícera Nunes), que também cedia o cercado para os animais que eles levavam. Ainda doava alimentos para os ciganos, era como se fosse o que podemos entender como

complementos das cestas básicas, pedido na comunidade.

Sobre a presença dos ciganos, convém destacar a fala de Inácio Erasmo dos Santos[13] , que tem 80 anos e, em entrevista afirmou: “Ali tem um cruzeiro, tem uma cruz de frente do cemitério, antigamente não tinha. O cemitério era cercado por varas, depois foi levantado o muro.” Ao observar o lugar pode ser constatado que realmente há um cruzeiro e o cemitério.

Mas o entrevistado afirma que: “antigamente não tinha o cemitério lá, aí passavam os ciganos e se arranchavam. Foi em uma dessas passagens pelo Bonifácio que o cigano, não sei por que, matou a cigana. Aí ficou por nome de cruz da cigana, o cemitério.” Sobre esse fato, a professora Auta Tânia[14] , que reside próximo ao referido local esclarece, “a cruz de madeira já não existe, em virtude do próprio desgaste do tempo, porém, foi construída outra, em alvenaria no mesmo local”, conforme fotografia (Fotografia 4).

[13] Inácio Erasmo dos Santos em entrevista realizada na Escola Noé Simplício
[14] Auta Tânia, em entrevista realizada na Escola Noé Simplício

Fotografia 4 – Cruz da cigana.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Convém destacar que segundo o Jornal Especial da USP (2014)[15] ,os ciganos são povos nômades (tribo que não tem moradia fixa), que não possui culto nem sacerdotes e acredita em duas forças: a do bem (De) a do bem, e a do mal (Beng). Estudar não está entre suas prioridades, por isso muitos são analfabetos.

Os ciganos são originários da Índia, distribuídos no Brasil, basicamente em dois grupos nas Regiões do país. Pelo fato de serem nômades viviam andando pelos povoados, pedindo comida, dinheiro, animais dentre outros. No espaço geográfico onde está localizado o Povoado Bonifácio há vários relatos da passagem deles. Quanto ao símbolo religioso, cujo destaque é a "cruz da cigana" é o símbolo do cristão.

Contudo, mesmo não fazendo parte do credo, eles têm facilidade em adaptar-se a religião do lugar onde estão, afirmação que nos faz entender o porquê de existir o referido símbolo "da cigana".

[15] CAIRUS, Brigitte Grossmann. A construção das identidades ciganas no Brasil.



CAPITULO III

BONIFÁCIO E OS DESAFIOS DO TEMPO

Ana Cristina de Lima Moreira[16]
Gustavo Souza Barros[17]
Maiara da Silva Lima[18]

Em meio as dificuldades enfrentadas pelos moradores do Bonifácio, a luta por água, possivelmente tenha sido a maior, visto que não havia água encanada, além das distâncias que precisavam percorrer sem estradas e subidas íngremes. Eram as mulheres que, na maioria das vezes carregavam água em potes ou em latas na cabeça de uma serra a outra. Diante do exposto, Dona Maria Ferreira dos Santos[19] (Dona NEM) falou com clareza como era viver no Bonifácio.

> Meu Deus, ia buscar água nos açudes da Serra da Mandioca, ali na Serra de São José, ia no Olho d'água esperando a noite todinha, esperando um pote d'água, que era um pote só, que vinha de lá para cá, levava uma topada, quebrava o pote e vinha sem nem um pingo d'água. A nossa vida era essa, e eu "piveta"

[16]Ana Cristina de Lima Moreira, Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: cristinamoreira@uneal.edu.br
[17]Gustavo Souza Barros, graduando em Geografia. E-mail: gustavo.barros.2021@alunos.uneal.edu.br
[18]Maiara da Silva Lima, graduanda em Geografia. E-mail: maiara.lima.2021@alunos.uneal.edu.br
[19] Maria Ferreira dos Santos em entrevista realizada em sua residência /Povoado Bonifácio/2024

> (criança) acontecia isso! Ia buscar na Serra da Mandioca, ali na Chã, se chama Chã lá em cima, onde tem a piscina. Nós íamos pegar água, onde é a piscina e ali tem um açude perto da Serra da Mandioca naquelas ladeiras. E a gente carregava a água. Eu dormia logo cedo da noite, chegava cansada da roça, trabalhava o dia todinho limpando mato nessas serras e dava graças a Deus quando chegava às 6h.

Vê-se que o dia era bastante corrido, mesmo para as crianças e jovens, pois, elas recebiam muitas atribuições, ficando pouco tempo para estudar, brincar e ser criança. Diante dessa situação a entrevistada continua.

> Era a hora de ir para cama, me deitava cansada, não tinha luz e nem televisão e aliás nem rádio tinha, eu mesma, nem rádio tinha! Era tudo candieiro! É perigoso a pessoa dormir e incendiar a casa, oia o sufoco! Eu e as meninas ia pegar lenha na fazenda de dez e meia da manhã e não vinha para casa comer, não! Nós íamos buscar lenha lá na fazenda da Serra, era de seu Noé. Então, cada uma vinha com um feixinho de lenha, ‘’butava’’ lá no chão, comia tanto... assim... farinha seca com um ‘’pedaçin’’ de charque salgado e ia trabalhar para arrancar “soqueira ”[20]

Os trabalhos eram de certa forma exaustivos, considerados pesados. Assim, quando ela se refere a soqueira, é o que fica das

[20] O que sobra, plantas e raízes, do corte da cana; aquilo que fica na terra após o corte da cana. https://www.dicio.com.br/soqueira/

plantas dentro da terra após o corte, geralmente, esse termo é usado para as sobras do corte da cana. Mas o que não faltava era a fé. “Aqueles tempos de setenta (1970), foi um sofrimento! Foi um ano de muito aperreio, eu só não passei fome, graças a Deus! Meu pai era muito bom, rapaz! Nossa família era muito unida!”

Sebastião Cassemiro dos Santos (Basto) e Tereza dos Santos Pereira que são os filhos de Pedro Cassemiro dos Santos e Augusta Ferreira dos Santos, cuja família é composta de 12 filhos, sendo 6 homens e 6 mulheres, netos de Manoel Cassemiro (Mané Cassemiro) que matava gado às quartas-feiras na Lagoa Grande, aos Sábados na Taquarana e, no domingo não descansava, ainda trabalhava na feira de Belém.

Os dois irmãos só saíram do Bonifácio na década de 70 do século passado, em virtude da seca que assolava a região. Segundo eles foram todos os irmãos para São Paulo, pois já havia um irmão que residia lá e tinha um certo poder aquisitivo. Esse foi responsável pelo pagamento de todas as despesas de viagens, bem como o cuidado em deixar todos estabilizados e empregados. Tereza, casou-se em São Paulo, ficou viúva e voltou a morar em Bonifácio, enquanto Basto, há 50 anos é casado e diz que só sai para o cemitério.

Os dois são cheios de vivacidade, alegria e têm muito orgulho de serem do Bonifácio. Mas se preocupam com o futuro dos jovens.

> Se tivesse mais serviço para o povo trabalhar, se tivesse outra fábrica aqui. Uma fábrica de fubá. [...] essas coisas assim... que botasse mais gente para trabalhar porque o que está precisando aqui é trabalho. O emprego não tem! É o povo tudo parado sem emprego. Basto enfatiza que tem fábricas, mas: Eu

> queria que chegasse mais, porque já tem duas fábricas que é uma coisa boa e tem uma pista muito bacana.

No entanto, reconhecem que vivem em uma situação bem melhor, até porque: “Houve tempos piores, hoje está bacana”! Os entrevistados fazem elogios, afirmando que têm boas estradas, pois, antes em determinadas épocas do ano, principalmente, no inverno rigoroso, não era possível carros pequenos transitarem nas estradas alagadas e cheias de lama.

Assim também o Senhor Manoel Higino, fala de sua infância, adolescência e juventude dizendo que era uma situação dramática a questão da água:

> Um certo dia, minha mãe saiu em busca de água com o pote e chegou com o pote vazio. Eu, às vezes, ia buscar água num barreiro lá na Serra de São José, subia a ladeira, descia a ladeira com medo de quebrar o pote. Porque pote de barro não aguenta pancada! De plástico, amassa, mas não quebra. Melhorou muito! Nós estamos, graças a Deus, com um grande avanço...a educação, porque a educação é uma base de desenvolvimento!

Nas memórias, Manoel Higino lembrou como era a Festa de São Sebastião...

> eu lembro que no período da Festa de São Sebastião começou com nove noites, o pessoal vendendo cachaça, com uma grelhinha seca e um candeeiro. Não havia geladeira, só era jogar a garrafa de cerveja dentro d 'água. Não gelava nada! Pode até esfriar, mas não gela nada! Era um tempo muito rústico, assim.

É interessante que ao ouvir as memórias, percebe-se que os entrevistados têm consciência que evoluiu em muitos aspectos, mas não ficam na zona de conforto, pois sempre estão lutando por melhorias para a coletividade. A geração passada, tinha lutas diárias em todos os aspectos. E Higino, lembra.

> Minha mãe mesmo, quebrava milho em uma pedra e fazia um cuscuz para sete filhos. Era uma vida muito rústica. Agora, o que aconteceu no passado foi uma devastação que está prejudicando a humanidade do tempo atual. Devastaram as matas de forma predatória. E a caça predatória, né? Acabou com as espécies.

Higino é conhecido pela comunidade por sua visão macro, inteligência, capacidade de raciocínio e uma criticidade aguçada. E continua sua fala dizendo:

> Antigamente era um tempo muito precário, muita fome, muita! É porque vocês são novos (risada), a luz era de candeeiro, quando eu casei, mesmo! E a casa do meu pai também. Ninguém tinha parabólica, não tinha televisão, não tinha nada! Era um candeeiro, aí depois foi chegando aquela luz que era bem fraquinha, depois foi chegando esse forte. Hoje todo mundo tem televisão, tem internet, tem tudo mais fácil!

Em seus relatos, deixa claro que ainda há muitas dificuldades, mas a época dos seus pais era muito pior, pois, faltava o básico, água encanada, luz elétrica e a escola.

Em meio a todas essas situações vividas a senhora Ivone Nunes, também fala sobre sua infância. “Eu cresci e fui educada numa casa com dez (10) irmãos, as minhas irmãs tiveram oportunidade de estudar, mas eu não! Sempre gostei muito de ajudar meu pai, trabalhando de roça. Uns dias ia para escola, outros ia trabalhar.” Em sua fala destaca a evolução do Bonifácio, pois alega que já viveram tempos difíceis e a situação era precária, sem água encanada, sem energia, ou seja, carentes de muitos serviços básicos.

Nesse mesmo propósito, Dona Maria lembra que ficava brigando com seu sobrinho Sérgio dizendo: “Pelo amor de Deus! Olha, não faça muita compra não, porque eu não consigo trazer! O carro cheio e pesado eu não vou não.” Como ela chama “Aquelas buraqueiras” dificultavam a vida dos moradores, o acesso a cidade, contribuindo também para a evasão nas escolas.

Mas Higino também aponta problemas na agricultura, “não temos terra para produzir alimentos, porque a área de terra agrícola, de solo profundo, está embaixo do “couro” e pode se transformar em uma favela rural.” Faz crítica a falta de terra para plantar em detrimento a criação de gado.

Enquanto Jorge Amâncio faz outro comentário dizendo: “uma coisa que a gente não tinha era entretenimento...Sentia muita falta aqui, eu... acho que foi por isso que eu resolvi tomar a frente desse tipo de coisa. Por morar numa zona rural, em um sítio é mais difícil! Essa é uma das preocupações de um jovem que é presidente da Associação e responsável pela organização da Festa do Padroeiro.


BONIFACIO
FABRICA

CAPÍTULO IV

POVOADO BONIFÁCIO: REALIDADE E EXPECTATIVAS

Ana Cristina de Lima Moreira[21]
Douglas Januario da Silva Santos[22]
Josefa Camila Santos da Silva[23]

Em meio a tantas histórias de superação das famílias dos entrevistados, há também os olhares sobre a realidade atual e as expectativas da população. A professora Zinha com ênfase diz: "O Bonifácio é o lugar onde eu nasci, de pessoas do bem, ficou mais ativo com a associação, depois de Manoel Higino, principalmente, após a COOPERBONI, cooperativa que eu também fiz parte."

Nesse contexto ressalta-se Manoel Higino que volta seus olhares para a atualidade e afirma:

> Temos a fábrica de pipoca Boni que é uma indústria que dá renda para comunidade e emprego para os pais de família, que não ficam saindo daqui para trabalhar em outro local, São Paulo, Maceió e outras cidades. A escola aqui também é uma mãe para todo mundo! Veja, uma escola dessa que emprega as pessoas! É muito

[21] Ana Cristina de Lima Moreira, Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: cristinamoreira@uneal.edu.br
[22] Douglas Januário da Silva Santos, graduando em Geografia. E-mail: douglas.santos.2021@alunos.uneal.edu.br
[23] Josefa Camila Santos da Silva, graduanda em geografia. E-mail: camila.silva.2021@alunos.uneal.edu.br

> relevante para a comunidade. Então, graças a Deus, com o que tem hoje ninguém tem do que reclamar.

Como a pauta é o enfrentamento das dificuldades, destaca-se: Dona Tereza que com muita simpatia diz: “eu amo aqui Bonifácio, daqui eu acho que só saio morta”, chega a emocionar a alegria de viver em Bonifácio que é extensiva ao seu irmão Basto:” Quem gosta de morar aqui é eu, aqui eu vou morar não sei quantos mil anos eu vivo, mas só saio daqui para o cemitério”. Os dois estão muito seguros de que o Bonifácio é o lugar para eles morarem até encerrar a passagem aqui na terra.

Maria Ferreira dos Santos[24] , ”mais” conhecida como “Nem” diz: “Hoje em dia é um paraíso, meu Jesus! Nós só temos que agradecer a Deus, ninguém via isso” e continua a conversa entusiasmada e ressalta a escola:

> Hoje em dia, ‘’fia’’, é roupa, é calçado, é comida boa, passa o dia todinho roupa linda aí que essas crianças usam, coisa mais linda essas blusas. Sim, é ‘’mochila’’, é tênis, que luxo! Nesses tempos atrás de oitenta e tantos anos não tinha não e os pais não colocava os filhos na escola não, era na roça! ’’Falar do Bonifácio é um tesouro.

Dona Ivone de Araújo Nunes, no intuito de evidenciar como os moradores se sentem afirma:

> Ave Maria, o Bonifácio para mim é tudo! Eu já fui pra São Paulo, pra Maceió, já andei em várias comunidades, até Santos já fui passear! Mas um lugar igual ao Bonifácio para morar não tem outro

[24] Maria Ferreira dos Santos (Nem) em entrevista em sua residência, localizada o Povoado Bonifácio, em 2024.

> não, sempre é bom! A minha família quase toda mora em Palmeira e todos têm casa lá, mas eu, onde quero terminar meus dias é no Bonifácio!

Mas ainda não satisfeita continua externando seu sentimento e faz uma análise de como era antes e de como está atualmente, fazendo uma comparação à cidade de Palmeira dos Índios.

> Nem esses bairros de Palmeira dos Índios, aqueles que ficam afastados, não é como o Bonifácio! Olhem essa pista da gente, são 10 minutos para chegar em Palmeira. Nós temos centro comunitário, posto de saúde, o ginásio da Escola Noé Simplício que é de primeiro mundo e tem supermercado. O Bonifácio tem a fábrica de pipoca Boni, tem fábrica de farelo são das melhores nessa região aqui de Palmeira dos Índios.

Ivone ainda continua tecendo comentários à gestão municipal (ex-prefeito Júlio Cezar) e volta a fazer referência à Palmeira dos Índios e ao Bonifácio, apontando pontos positivos;

> Ah, já veio muita coisa! Inclusive com essa gestão de que nós estamos (Júlio Cezar). As passadas foram coisas poucas! Mas essa que nós estamos hoje, está de parabéns, tanto o governador como nosso prefeito! Não é eu querendo... entendeu? Mas, vocês que moram em Palmeira dos Índios, vocês sabem como estão os povoados. Até pela cidade muitos bairros dali vocês viam que aqui era uma vergonha! E hoje tem aquela história do lixo ao luxo! Já disseram isso e vou repetir, porque aqui a gente mora em um povoado que tem uma

> escola dessa! [...]. Quando eu vi a escola pensei, meu Deus! A gente vai estranhar, mas eu não estranhei foi nada, meu filho, porque é só luxo, a gente passou do nada para o tudo!

Após a entrevista de Ivone, não podia deixar de apresentar a do Senhor Manoel Higino que sabiamente fez um resumo sobre a situação:

> O prefeito derrubou aquela casinha modesta e construiu uma escola, uma UBS, um emprego moderno. Nós tivemos um grande avanço nesse governo do Júlio Cézar, ele não é um especialista em administração, porque a especialidade dele é jornalismo, é comunicação. Mas ele é um professor em matéria de administrar a empresa pública. Você sabe que há duas formas de administrar; a pública e a privada. Pois ele fez um grande trabalho aqui!

Ainda sobre as perspectivas Jorge Amâncio fala sobre sua vida de estudante:

> Eu gostava! Mas a gente percebe que mudou muito, né? Devido à mudança normal do tempo, não só para mim como para todo mundo. Principalmente, em questão da tecnologia. Por que o que é que eu trago com a tecnologia? No meu tempo as brincadeiras eram jogar futebol, jogar chimbra[25] , brincar de pião, esse tipo de coisa. Então, a minha infância foi assim!

E o entrevistado, continua relatando sobre possibilidades, e afirma dizendo que há maneiras de melhorar, pois segundo ele é preciso

[25] Chimbra: Bola de Gude

investir nas potencialidades. Mas deixa claro que é preciso descobrir quais as potencialidades:

> É o ser humano investir na educação integral, profissionalizante. Porque o mercado de trabalho exige mais técnicos do curso médio que o superior. Precisa ter vocação, ter amor. Porque eu acho que o amor e o trabalho são a solução dos problemas da humanidade. Amor e trabalho, né? Porque o resto fica para trás!

Em meio as conversas, Basto e Tereza externam gratidão: “hoje está diferente! O atendimento médico no Posto de Saúde é muito bom, graças ao Prefeito Júlio Cezar, mas não podemos esquecer o vereador Agenor Leôncio, que trouxe água encanada. Antes tinha que buscar água no açude”. É perceptível que eles têm essa alegria quando fala sobre o Bonifácio em virtude da trajetória que percorreram e os desafios vencidos até agora.

Severino Conrado[26] , esbanjou simpatia quando foi solicitado para que falasse um pouco sobre ele.

> Eu? Nasci, aqui no Bonifácio, mesmo! Não, eu não nasci no Bonifácio (risos). Eu nasci na região de Arapiraca, na Lagoa do Rancho. Mas meus pais eram daqui, depois vem aquela história de migração que, tem um lugar que está dando muito dinheiro, aí vai ... em outro tem muito serviço. Eles saíram daqui e lá ficaram, então eu nasci lá. Mas com cinco meses eles retornaram para o Bonifácio e estou até hoje, e aí de lá pra cá, já vi tudo. A minha idade é 68 anos. Estou aqui até esse tempo! Bonifácio já é o povoado central, ele fica

[26] Severino Conrado em entrevista na Escola Noé Simplício, em 2024

> aqui no meio, desse lado a Barra, Olho d` Água, Cafundó, tem uma Serra, depois outra Serra, tem o Buenos Aires e ainda tem o Poço da Onça.

E Severino Conrado continua:

> Então, às vezes o pessoal reclama, diz que todos os benefícios chegam para o Bonifácio. Mas é um modo de centralizar as coisas para facilitar. O Bonifácio ganhou a melhor escola, um posto de saúde e hoje é um dos bons das comunidades entre outros benefícios como a coleta de lixo, água encanada, só que não chega direto, mas temos. Olha, dos anos 80 para a atualidade, quem chega de fora não reconhecer não, mudou! Aqui nos anos 80, era uma comunidade, um lugar totalmente atrasado da região, chegou energia na Serra, no Caldeirão, no Coruripe, mas no Bonifácio não chegou energia.

São falas que, por vezes emocionam proporcionando leituras da história de vida, de luta e de superação pelo bem de uma comunidade. Não é percebido individualismo e, sim cooperação entre os sujeitos do lugar.

E Dona Maria muito feliz em ser entrevistada diz:

> Meu filho, aqui é o paraíso! Com esse asfalto então… nós vivemos na capital. Aqui tinha uma farmácia... era ali, mas fechou. Hoje em dia aqui, nós estamos milionários, graças a Deus. Não falta nada! São Sebastião aumenta nosso pão, pão de cada dia, não falta nada, 10, 15 minutos daqui para Palmeira, é rapidinho.

Após enfatizar a escola Mary Caparica, em que foi Diretora e o nome de Noé Simplício atribuído a nova escola, a professora Auta Tânia fala sobre o Bonifácio, sendo mais uma a externar satisfação.

> O Bonifácio para mim é um lugar bom de se viver! Um ambiente de paz e tranquilidade. Eu gosto muito e digo: quando vim morar aqui às vezes as pessoas diziam: eu não gosto desse lugar, tem pessoas que dizem assim! Mas eu digo: minha gente eu sou de fora mais eu gosto demais daqui, gosto demais das pessoas, não tenho problema com ninguém, gosto mesmo de morar!

Em meio a risos, Auta Tânia lembra que o Cemitério é bem próximo a casa dela, ou seja, fica a poucos metros de distância: "no dia que morrer posso ser enterrada no Bonifácio tranquilamente (risos). A minha casa é bem pertinho da parte central do Bonifácio." É muito interessante ouvir esses relatos das pessoas, independente do grau de instrução, pois, o que está em foco é o olhar sobre o lugar.

A professora Monteiro[27] , sente prazer e orgulho em dizer que faz parte da comunidade. "Daqui não saio daqui ninguém me tira! Eu não vou sair daqui! Há vinte e sete anos, o Bonifácio faz parte da minha vida!" Para ela seria muito bom que o Bonifácio tivesse clube, principalmente para os jovens. Nessa mesma perspectiva, Gildete professora e atualmente vice-diretora da Escola Noé Simplício, entende que o Bonifácio evoluiu muito, mas percebe que precisa de uma farmácia, até porque tem uma Unidade Básica de Saúde (UBS).

Segundo a professora Auta Tânia o Bonifácio vem apresentando um grande desenvolvimento, principalmente na gestão do prefeito Júlio

[27] Monteiro ...em entrevista concedida na Escola Municipal Noé Simplício, em 2024

Cezar, pois, entende que o acesso viário, a escola Noé Simplício que em risos diz que é “maravilhosa”, o posto de saúde que era pequenininho e foi transformado em “um mini hospital com todas as salas” e atende em torno de 6 a 7 comunidades.

O Bonifácio “é bem desenvolvido diante de outros povoados”, justifica dizendo que também atende em torno de 13 comunidades na área da educação, lembrando o período em que foi diretora.Nesse contexto, Ivone de Araújo Nunes (58 anos) que é auxiliar de serviço diversos na Escola Municipal Noé Simplício do Nascimento, em entrevista, externou gratidão por suas conquistas.

> Hoje eu tenho água na minha casa, encanada da rua, eu tenho água do poço artesiano, eu tenho água do açude! A nossa comunidade graças a Deus através do prefeito Júlio Cezar está maravilhosa! Olha, tem um poço artesiano para todo mundo, mas quem não tem condições, tem os caminhões pipas aí transportando água. Ninguém nunca via isso, nunca via! Hoje tem água para todo mundo, a estrada da gente é maravilhosa! Então a gente tem que agradecer a Deus por tudo isso que estamos alcançando.

Ainda apresentando as mudanças e perspectivas, Manoel Higino que também entende de empreendedorismo, não podia ficar sem falar na via de acesso para o Bonifácio.

> Muita gente pede uma estrada como a nossa. Seria bom que toda a comunidade tivesse uma estrutura viária igual a essa, porque sem a estrutura viária, sem a infraestrutura, não há como desenvolver a nação, o Estado, o município e a comunidade. É o primeiro passo!

Para Malbia Barros Padilha Farias, coordenadora da Educação Infantil da Escola Mary Sampaio Caparica e professora de Língua Portuguesa, entende que Bonifácio desenvolveu muito, mas ainda precisa de um espaço para que crianças e jovens da comunidade possam realizar outras atividades. “É muito importante um espaço onde eles pudessem praticar outros esportes, como a natação, seria muito bom! Assim, não ficava restrito apenas na escola. É esse o caminho que eu vejo! Como professora, entende que é necessário ocupar as crianças e os jovens com atividades saudáveis, que desenvolvam a mente e físico.

POVOADO BONIFÁCIO



CAPÍTULO V

ASSOCIAÇÃO, COOPERATIVA E FÁBRICA DE PIPOCA BONI

Ana Cristina de Lima Moreira[28]
Letícia Mayara Nunes da Silva[29]
Natália Santos da Silva[30]

Há necessidade de fazer referência a Associação que tem uma história de lutas, desafios e realizações em prol da comunidade. De acordo com Severino Conrado da Silva, ela foi fundada no final da década de 80 sendo ele um dos presidentes: "o pessoal começou a me indicar para candidato a presidente."

Conrado, destaca um fato que ocorreu em 1986 e 1987 quando foi criada a Associação, na época do presidente Sarney!

> Era aquele projeto pelo social em que muitas comunidades começaram logo, porque tiveram indicação, e nós demoramos um pouco. Mas iniciamos em 1986 e eu fazia parte da Associação, como diretoria e depois o pessoal começou a me indicar pra eu ser candidato a presidente.

Contudo, Conrado foi eleito em 1993, contribuindo de forma

[28] Ana Cristina de Lima Moreira, Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: cristinamoreira@uneal.edu.br
[29] Letícia Mayara Nunes da Silva, graduanda em Geografia. E-mail: leticia.nunes.2021@alunos.uneal.edu.br
[30] Natália Santos da Silva, graduanda em Geografia. E-mail: natalia.santos.2021@alunos.uneal.edu.br

expressiva para a comunidade:

> Era no tempo da pipoca Boni. A pipoca Boni tinha iniciado nos anos 90 e aí eu ainda passei lá, depois eu ainda na minha gestão fiz o projeto de ampliação, para ela passar a ser cooperativa, depois que passou a ser cooperativa eu não quis mais, continuar, como presidente de lá da cooperativa nem como nada. Eu achava muito estranho trabalhar com muitas pessoas, não tenho muita paciência para trabalhar assim! Fiquei só na Associação e ainda passei 17 anos, depois desisti e outras pessoas entraram.

Ele fala da importância da Associação, que foi responsável em viabilizar um projeto, que segundo o entrevistado, foi o maior projeto da história, no governo do Presidente José Sarney.

A pipoca Boni foi criada quando o presidente da Associação era o Sr. Manoel Higino de Menezes, que de acordo com o entrevistado "Foi o Sr. Manoel Higino responsável pelo projeto, mas ainda não era pipoca, e sim a fábrica de fuba crua. "É, foi fábrica fuba! E aí foi rejeitado por muita gente da comunidade, dizendo que a fábrica não ia ter sucesso, como não teve." A curiosidade foi à tona, para saber os motivos que levaram a rejeição da fuba crua e a resposta veio imediata: "a fubá crua não tinha comércio, porque o povo já não sabia fazer o cuscuz. Tinha mulher que batia, batia e não dava certo, se molhava demais virava angu, se molhava menos ficava uma "xerenzada". O povo dizia: "não quero essa fuba!"

Diante das afirmações, ficou claro que o produto não foi aceito, ou melhor, não caiu no gosto do povo. Ao que tudo indica a qualidade da massa contribuiu para a dificuldade em fazer um cuscuz básico.

> Então, para o projeto não morrer, até porque foi muito caro, avaliado 106 mil dólares. Nós estávamos no tempo da inflação alta e ele foi comprado em dólar. O banco emprestou. Ali foi dinheiro emprestado! Aí ficou aquele montante correndo juros ... tão grande no mundo, que a gente olhava assim e dizia: Meu Deus!

A preocupação de como utilizar o dinheiro de forma correta era uma constante. Até porque a cada dia corria juros altos. No entanto, muitos estavam pensando no que fazer para que o projeto desse certo, conscientes que era para o bem da comunidade. Dessa feita:

> Primeiro foi criada a pipoca isopor, que era pipoca estourada com sal e colocada nos pacotinhos. Naquelas bolsinhas de flau, sendo que a bolsinha era mais larga um pouquinho. Aí botaram no comércio, mas o comércio não quis, rejeitou. Mas veio o CEBAS (Entidade Beneficente de Assistência Social) que propôs fazer pipoca amanteigada. Daí foram fazer visitas em outras fábricas, por aí afora, mas eram barrados nas portas, porque os donos não permitiam que entrassem.

E esse momento foi angustiante, pois o grupo sabia que seria uma luz no fundo do poço, entrar em uma fábrica bem-sucedida para entender o funcionamento. Mas no mercado capitalista, competitivo isso não acontece e a resistência continuava.

O próprio CEBAS foi ao Recife, na fábrica de pipoca Boku's, e quando chegaram lá o dono não deixou entrar. "Aqui não entra, não"! E o grupo justificou dizendo:" ah, mas nós somos do CEBAS." E a

resposta vinha. “Pode ser de onde for. Aqui não entra nem minha mulher, nem meus filhos não entram, quem dirá vocês.” É nítido que as conquistas foram resultado de lutas. Mas a luta era de todos, sem individualismos e os envolvidos disseram: “Vamos tentar nós mesmos, para ver se dar certo. E foram tentando, ajeitando até que pegou um comércio até bom!”

Com essa decisão e o espírito de luta do grupo outros caminhos foram surgindo e novos passos foram conquistados. Até porque como Associação, a produção era bem pequena, dava para abastecer Palmeira dos Índios e a região. Mas tinham que enfrentar outras dificuldades como:

> A falta de tecnologia ... Tudo era manual. Era muito devagar, aí foi, foi, foi, não dava certo, quando eu assumi como presidente da Associação, nós devíamos 130 mil dólares. Era muita coisa! Eu imaginava comigo... que nós não pagaríamos nunca! Mas continuamos trabalhando. Tão difícil no mundo... e fomos ajeitando até que chegou no ponto que terminamos os pagamentos, pegamos a Unidade Real de Valor (URV) e a gente fez um preço no produto, que superou.

Após essa decisão os membros envolvidos começaram a vender o produto e o dinheiro que ganhavam depositavam no banco, para irem pagando a dívida. O grupo tomou outras decisões no intuito de sanar ou reduzir a dívida. “A associação tinha uns bois, que foi de um projeto do Programa de Apoio a Projetos Sociais (PAPs).

> E já não tínhamos onde colocar. Porque se fosse pagar por aluguel de cercado, perdia os bois. Ninguém queria deixar de graça, se fosse

> emprestar para o povo trabalhar, o povo matava os bois de trabalho, né? Nos juntamos e resolvemos vendê-los. Vendemos e colocamos o dinheiro lá no Projeto. Foram seis bois e não deu para pagar nem uma prestação! Então, foi quando o Fernando Henrique criou esse dinheiro em 93, acho que foi em 93/94, foi!

E diante dos todos os desafios, em 1996 a dívida estava completamente liquidada "Foi quando a gente entrou para fazer o projeto da reforma, para a ampliação e passamos de 3 a 4 anos para o projeto ser aprovado. Foi o tempo que foi criada a Cooperativa nos anos 2000."

É fato que no início a fábrica de Pipoca Boni, não foi sucesso imediato.

> Quando ela começou, também foi meio devagar, as mudanças nas embalagens, mas depois os meninos acharam aí nos comércios, uns vendedores desenrolados, aí começou. Até hoje, tem dia que nem tem pipoca para oferecer para vender. Naquela época trabalhamos com uma média de 16 pessoas, todos clandestinos! A pipoca Boni, na comunidade ela vem trazendo uma grande mudança!

A Fábrica de Pipocas Boni, do Sonho à Realidade

É necessário entender como surgiu a fábrica de Pipocas e sobre ela o entrevistado diz que: "Não trabalhei na fábrica Boni! Mas foi um trabalho que eu fiz para a comunidade que me custou "lágrimas de sangue". No entanto, para cuidar dos projetos da fábrica precisava viajar à Maceió sem hora para retornar. Muito trabalho em virtude de

que lutava pela comunidade, mas como funcionário público, precisava se manter no trabalho como vigilante no posto de saúde, durante cinco dias (manhã e tarde).

Nesse contexto, sabia-se que seria indispensável a ação da política partidária, e desta feita segundo o entrevistado "quem salvou a situação foi um Deputado chamado Zeca Torres e um assessor dele, chamado Luiz Walter. O Deputado pediu à Secretaria de Saúde para me liberar para cuidar dos projetos da comunidade". Mesmo após a ajuda, tinha a certeza de que precisaria de muito trabalho, terminar cisterna, continuar as viagens a Maceió, retornar às três horas da manhã dentre outras ações.

Mas o grande desafio foi quando ficou sem o dinheiro da passagem e afirma:

> Eu andava para terminar uma cisterna o resto do dia. Eu saía de Palmeira umas 3 h da madrugada. Fui até a Maceió uma vez sem dinheiro da passagem. Olha se eu fosse um cara frouxo, egoísta, desanimado, pessimista... o Bonifácio não tinha o que tem hoje, não! Porque eu tinha renunciado!

Atualmente, falar em Pipoca Boni, também é falar em Lúcia, Lucinha a Lúcia da Pipoca. Uma Mulher que fez a diferença no mundo dos negócios. A Boni é quase que um sobrenome para ela que afirma: "É uma gratidão a Deus! A fábrica foi resultado de muita luta! Mas eu sou uma pessoa realizada e agradeço a Deus todos os dias"!

Imagem 4 – Propaganda nas redes sociais da pipoca Boni.



Fonte: Redes sociais da pipoca Boni, 2025.

É fato que a Pipoca Boni vem beneficiando a comunidade, atualmente com 55 funcionários, segundo Lúcia “a fábrica gera emprego e renda para nossa comunidade, então, me sinto feliz quando as pessoas me identificam com o nome de Lúcia da Boni”!

Mas diante do que já foi exposto nem tudo na fábrica foi flores. A pipoca está assim em um patamar bastante elevado, porque, quando é falado em pipoca, vem logo o cheiro e sabor da pipoca Boni. Para se entender melhor o processo, Lúcia fala sobre o assunto.

> Foi, em 2002, que a fábrica deu uma parada financeiramente como se estivesse falida. Então, a gente não tinha capital para trabalhar, nem para conseguir pagar os nossos fornecedores e foi um desafio muito grande. Naquele período eu era tesoureira em (2001-2002) e passei a ser presidente... a fábrica na falência, foi a maior dificuldade, a maior luta para conseguir que voltasse a funcionar. Então, para isso, caí em

> campo com os meus parceiros, meus amigos que trabalhavam comigo.

Foram muitos momentos difíceis, que aos poucos foram sendo superados como Lúcia explica:

> Olhe, tinha que a gente correr atrás, para conseguir a parceria com os nossos fornecedores. Mas precisava que eles dessem um prazo para que eu conseguisse pagar. E conseguimos que eles mandassem mercadoria. Confiaram na minha pessoa! A empresa Totalflex Indústria de embalagens, forneceu mais embalagens, mesmo sem termos quitado a dívida, o gás também, todos confiaram.

Contudo, a batalha não estava vencida, pois, naquele momento a equipe tinha como tarefa, arranjar comprador, visto que seria a única saída em meio a tantas dificuldades superadas e desafios a serem enfrentados.

> E assim, a gente foi vender pipoca em outras cidades e, em outro Estado. Chegamos a Paulo Afonso e, eu ia vender com motorista e o ajudante. Olhe, às vezes, bati a carga, ou seja, ajudei a descarregar, para não aumentar a despesa. Foram várias vezes só o motorista, eu e o ajudante. Então, fomos vender também em Murici, Joaquim Gomes, União dos Palmares dentre outras cidades de Alagoas. Saíamos às 4 h da manhã e chegávamos 8h horas da noite, vendendo a nossa mercadoria, para conseguir capital de giro.

Mas ainda faltava expandir a venda das pipocas, porque o lucro ainda era pouco, e as dívidas eram realidade. Nesse processo de

expansão, Lúcia conheceu um colega de Arapiraca, um grande empresário da Asa Branca, que o gerente do Banco do Nordeste a apresentou. A partir daí começaram a vender pipoca em Arapiraca.

> A dificuldade foi muito grande! Imagina, foi uma batalha que eu achava que a gente não ia conseguir. Então, tive tanta fé que Deus! Lembro que era o dia 8 de março, Dia das Mulheres e eu estava em cima do caminhão descarregando pipoca, em Paulo Afonso, quando um dos clientes disse:" deixa esse caminhão, hoje é Dia das Mulheres. O que a senhora já fazendo aí"? Eu disse: "Estou trabalhando, sem medir esforços!" Sabia que era pagar as dívidas.

Com o tempo, Lúcia e demais membros foram conhecendo outras pessoas, os representantes foram apresentando-a em outras empresas. Esse fato proporcionou melhores condições e consequentemente o pagamento da dívida e uma pequena sobra de dinheiro que serviu para comprarem máquinas usadas em Recife. Para a realização da compra foram Lúcia e Silvano Ferreira da Silva que era um associado do Bonifácio, atualmente é o operador das máquinas e mecânico da empresa.

Diante do exposto, conseguiram pagar todas as dívidas, até a do Banco do Nordeste, que era da época da Associação, depois, Cooperativa composta por vinte dois (22) associados, que segundo a entrevistada, nem todos acreditaram. Atualmente, é composta por dezoito (18) associados.

Diante dos avanços, foi preciso pensar em estrutura e, dessa feita, seria a reforma da fábrica, ou melhor, ampliação, pois, com a aquisição de mais máquinas, a produção teria que aumentar e isso aconteceu. De

acordo com os relatos de Lúcia, eram doze (12) funcionários e atualmente são cinquenta e cinco (55). Destaca-se também, a quantidade de máquinas que era apenas uma (01) e atualmente, são seis (6) para empacotar, os canhões de cinco (5) passaram para dez (10), os torradores de seis (6) para oito (8).

Fotografia 5 – Fábrica de Pipocas Boni, 2025. Depois voltar ao capitulo anterior para diagramar



Fotografia: Fábrica de Pipocas Boni, 2025


BONIFÁCIO
FÁBRICA

CAPÍTULO VI

RELIGIOSIDADE POPULAR

Ana Cristina de Lima Moreira[31]
Inglis Leite da Silva[32]
Joseline da Silva Santos[33]

O povoamento do Bonifácio, possivelmente, pode ter acontecido quando as primeiras famílias chegaram para povoar Palmeira dos Índios, visto que o Município está completando 137 anos (2026) de Emancipação e a construção da igreja é datada de 1915, então, registra-se uma diferença de três décadas. Mas essa construção aconteceu após já existir várias famílias habitando o lugar.

É fato que a religiosidade estava presente, visto que a época, a Igreja Católica praticamente era única, não se ouvia pessoas afirmarem que faziam parte de outro credo, ou seja, osescravizados e indígenas haviam passado pelo processo de catequização e consequentemente, realizavam seus rituais de forma oculta. Porém, o que predominava era o credo católico com a veneração aos Santos(as) e suas manifestações.

O território de Palmeira dos Índios, era habitado pelos indígenas, esses que em virtude de Frei Domingos de São José, ter chegado para realizar a catequização, recebeu a doação de (meia légua) de terras de Dona Maria Gonçalves, uma viúva, devota, que morava em Garanhuns. No entanto, deveria erguer uma igreja, cujo santo padroeiro seria Bom

[31]Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: cristinamoreira@uneal.edu.br
[32] Graduanda em Geografia. E-mail: inglis.silva.2021@alunos.uneal.edu.br
[33]Graduanda em Geografia. E-mail: joseline.santos.2021@alunos.uneal.edu.br

Jesus da Boa Morte, santo de devoção da família doadora das terras e assim, o referido santo foi o primeiro padroeiro de Palmeira dos Índios.

A segunda igreja foi edificada posteriormente, com seu altar de alvenaria e o restante de taipa que, após alguns episódios foi decidido juntamente com os indígenas que o lugar era de Nossa Senhora do Amparo, sendo oficializada como a Padroeira, até a atualidade. Na década de 60, do século passado Palmeira dos Índios tornou-se Diocese e consequentemente a igreja de taipa e alvenaria, foi transformada em uma suntuosa Catedral.

Ainda sobre a devoção, em 1803 e/ ou 1805 os escravizados construíram a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, uma santa branca que é considerada padroeira dos negros. Essa referida igreja foi dessacralizada e oficializada como Museu Xucurus de História, Artes e Costumes de Palmeira dos Índios, "Museu Xucurus", cuja edificação é considerada a igreja mais antiga que a época foi construída totalmente, em alvenaria.

Diante desses fatos, as devoções, os ritos e as manifestações religiosas foram acontecendo em Palmeira dos Índios. As pessoas devotas, ainda neste século (XXI), fazem suas promessas, pagam penitências das graças alcançadas e têm suas devoções aos seus santos (as) padroeiros (as) com mais intensidade nos espaços rurais.

A História do Bonifácio está pautada na religiosidade popular e na fé do povo, pois, o povoado era pequeno com poucas casas, no entanto, as famílias eram numerosas. Mas assim como aconteceu com a Covid 19, com a pandemia que causou muitas mortes e sofrimento em(2019 e 2020), um episódio parecido aconteceu há mais de um século, com um surto de cólera que estava dizimando a população daquele lugar. Não havia conhecimentos tecnológicos em favor da ciência, eram

poucas descobertas de como cuidar e/ou minimizar as doenças infecto contagiosas. Não obstante, o povo teve que recorrer a Deus e a interseção dos santos de suas devoções.

A população do Bonifácio pediu a São Sebastião a cura das pessoas, rogando a Deus e pedindo que Ele intercedesse para impedir a proliferação daquela doença. Foi São Sebastião escolhido para ser o padroeiro, em virtude de ser o protetor contra a peste, a fome e a guerra, cuja oração para alcançar uma graça é: "Glorioso Mártir São Sebastião, intercessor poderoso junto a Deus, vós que sofrestes o martírio pela fé, olhai por nós e alcançai de Deus a graça que tanto desejamos (fazer o pedido). Livrai-nos das doenças, das pestes, da fome e de todos os males que nos afligem. Protegei a nossa família e a nossa casa. São Sebastião, rogai por nós. Amém[34]

Sobre esse acontecimento é notório que a maioria dos moradores mais antigos do Bonifácio têm a preocupação de contar essa história aos mais novos tornando-se ao longo dos anos uma verdadeira tradição. Quando foi perguntado aos irmãos Basto e Tereza sobre a religiosidade responderam:

> Tinha pouca casa naquele tempo! E naquele tempo tinha uma doença, não foi do nosso alcance, foi do alcance dos nossos pais. Tinha uma doença que morria o povo, aí levava lá para o retiro e enterrava. Mas no outro dia chegava na cova e o morto estava vivo sentado na cova, era uma doença chamada cólera. Assim, vai passando de geração em geração a devoção e a história. A

[34]https://www.google.com/search?q=ora%C3%A7%C3%A3o+de+s%C3%A3o+sebasti%C3%A3o+para+alcan%C3%A7ar+uma+gra%C3%A7a&sca_esv=0e7e332804e82cc8&ei=TOyCaKGfB_XV1sQP75nTmAg

> doença era a cólera e que devido a quantidade de gente ou mesmo o medo das pessoas, levavam para enterrar assim que era declarado como morto e às vezes ainda estava vivo.

Sobre esse mesmo fato, Tereza dos Santos Pereira ainda completa com outras informações importantes:

> Era uma doença chamada cólera, por dia morria 4 ou 5 pessoas e só era enterrando. Quando foi um dia, a noite morreu gente dessa doença chamada cólera, aí não deu para entupir a cova. Era tudo enterrado nas serras, não tinha cemitério, não! Então, onde chegava enterrava. Aí, quando foi no outro dia amanheceu o cadáver sentado na cova. Aí minhas bisavós...(tempo) eles contavam que fizeram uma promessa para São Sebastião se fosse servido daquela doença acabar, então ia continuar fazendo a festa 9 noites de festa de zabumba.

Vê-se claramente a presença da religiosidade popular no povoado na certeza de que São Sebastião atenderia ao apelo do povo. E Tereza ainda intensifica dizendo: “Até hoje não deu mais nunca essa doença aqui, você vê, oia...(tempo) !

Sobre o mesmo assunto Inácio Erasmo intensifica:

> Aqui teve uma doença feroz que, ave Maria, chamada “cólera”. Naquele retiro “acolá” tem uma pedra que vai como daqui até aquela casa, é que nem um cume, é da própria natureza, né?! E acontece que essa doença não tinha cura não, quando estava já perto de morrer levava o doente numa rede para lá, e já ficava lá para morrer.

Foi perguntado a Maria do Amparo Lima Correia Santos quem doou as terras para a construção da igreja e como foi construída:

> Teve um homem que era chamado Francisco Ferreira, mas ele era conhecido como Chico Ferreira. Então, teve uma época dessa que deu uma doença que era uma peste bubônica que até no caldeirão também, no Caldeirão. Em Quebrangulo aconteceu também essa peste bubônica que até Graciliano Ramos estava no Rio e teve um dos irmãos dele que morreu com essa doença e, ele veio de lá pra cá. Então, o povo daqui começou. Morreu muita gente naquela época, bastante gente mesmo! Não dava nem tempo enterrar e o povo também com medo, pegava uma rede(banguê) e jogava lá num lugar chamado Viturino. Ainda existe esse local, que era uma pedreira. Aí pegava o povo doente, enrolava e jogava fora da comunidade e deixava lá naquele cantinho. E no decorrer de 8 dias tinha gente que retornava todo torto, retornava vivo! Ainda acontecia isso! Aí por isso que esse Chico Ferreira fez essa promessa. Se essa doença parasse era para ter 11 noites de Festa e a novena de São Sebastião. Essa promessa foi feita assim! A festa pode cair na semana que for, mas só comemora na data certa.

É possível perceber que a entrevistada diz que a doença foi peste bubônica, enquanto os demais entrevistados falam em cólera. Diante de algumas falas há essa questão que uns citam cólera e outros peste

bubônica, fato que não altera o contexto da história, ou seja, a religiosidade e a devoção a São Sebastião.

E Maria do Amparo continua explicitando suas memórias sobre a Festa de São Sebastião...

> E o início era com a luz de lamparina, depois surgiu a luz elétrica. Então, veio o pastoril, aí depois do pastoril teve o Ivan Luiz que é daqui da comunidade. E na última noite, para animar a festa no centro da associação ele fazia aquele baile, só de seresta com músicas antigas, e foi crescendo, não é? Hoje, se resume só em 4 noites, as outras são comemoradas com as novenas e missa. O presidente da associação, o Jorge Taveira, consegue banda com o prefeito. Aí encerra a última noite com uma festança danada, com tudo que tem direito!

Maria do Amparo (Preta) faz uma observação quanto a questão da quantidade de pessoas na Festa e como acontecia.

> Frequentava bastante gente, tinha mais gente do que hoje. Vinha gente de várias comunidades, vinha da cidade, vinha de Salvador e até hoje vem de Salvador... de Maceió, vem também de São Paulo. Mas era à lamparina e naquela época tinha o pastoril de uma senhora chamada Josefa Bispo. Era aquele caminhão, rainha do vermelho a do azul. E ali cantavam e chamavam os fazendeiros para colocar dinheiro na roupa das rainhas e o tempo foi passando. E daí surgiu... só não lembro o ano que foi que chegou à energia, depois foi festa na energia. Foi surgindo assim as 11 noites de duração da festa.

Vale salientar a informação de Maria do Amparo, quando ressalta que a festa de São Sebastião são 11 noites; “antigamente, após a construção da igreja, era comemorada todas as noites, com festa. E naquela época não era assim com energia, era com lamparina”.

Foi necessário entrevistar José Aluízio Taveira da Silva, nascido em 13 de agosto de 1953, em Bonifácio e registrado em Paulo Jacinto que é um dos primeiros cavaleiros (corre cavalhada) que participaram da Festa de São Sebastião. Em entrevista a Auta Tânia ele disse que participava em vários lugares como Coruripe da Cal, Serra da Mandioca, Serra de São José, Vila São Francisco em Paulo Jacinto, Anum Velho dentre outros que o grupo era convidado.

> E Zé Aluízio iniciou sua fala dizendo: O ano que eu comecei era 60-65 foi quando eu comecei. Em 70 a gente já corria. E foi nesse tempo que tive um namoro, passei uns anos fora, e quando eu voltei, era 20 de janeiro, e ia ter cavalhada, reencontrei minha amada. Então, falei com ela, peguei na mão dela e voltei a namorar com ela. E até hoje (risos), há 55 anos encontrei com a mulher da minha vida. Mas sobre as cavalhadas posso dizer que os cavalos da gente eram escolhidos, tinha que ser selecionado. Tinha que ser um cavalo diferente!

Chega até ser emocionante a fala do entrevistado. Mas em meio a nostalgia de sua história de amor ele continua: “Sim, as lanças eram todas de um modelo só, quero dizer do mesmo tamanho, de 9 palmos. E no momento das carreiras, cada lança tinha um movimento diferente, até a sexta carreira era tudo diferente, a 7 era igual a primeira. “Atualmente nas cavalhadas oficiais, inclusive, há um grupo de

Palmeira dos Índios, Atalaia dentre outros que os cavaleiros usam as lanças tamanho padrão.

O entrevistado destaca principalmente, o Senhor Tancredo de Medeiros de Quebrangulo, que morava no Povoado Pau Sangue, “e ele foi o nosso “professor de cavalhada. ” Tancredo, deixou seu legado! E fazia porque gostava da cavalhadas, sendo responsável por ensinar a muitos cavaleiros da região inclusive, Zé Aluízio que adotou o partido azul como seu.

Prancha fotográfica 02 – Zè Aluízio participando de uma cavalhada no Bonifácio



Fonte: José Aluízio Taveira, 2025

Vê-se através da fotografia desgastada pelo tempo que a roupa conforme ele descreveu era branca e sua faixa azul, camisa de mangas compridas e gorro branco com detalhe em azul. É possível perceber que nos arreios do cavalo também foram colocados pequenos laços de fita na cor azul.

Outros cavaleiros também foram lembrados como: Antônio

Paciência (Tonho da Serra ou Tonho de Mané Paciência), Zeca Paciência e os cavaleiros do Bonifácio eram: Assis, Tota, Manoel e Basto. Acentua que havia outros cavaleiros como: Nelson, Chico Madruga e Saul que era da Vila São Francisco. Ainda segundo Aluízio Taveira, seu primo Bartolomeu, Abelardo, Neto Dinga e Nelson Tenório.

Em tom nostálgico Zé Aluízio(2025) diz que:

> Muita coisa está mudada lembra dos ritos d encerramento. As vestes , o fardamento tinha uma faixa azul ou vermelha porque existe cavalhada que usa a roupa branca, tem quepe/ gorro branco, punhal de metal, os arreios era de metal, no peitoral, a espora de aço, estribo de aço, diferente das de hoje, antes cobria a ponta do pé, era os de antigamente, era diferente das cavalhadas de hoje.

As memórias ficam gravadas na mente. Ainda existem grupos espalhados por Alagoas que continuam com a tradição que o Senhor Aluízio(2025) fala e ainda ele ressalta os ritos.

> Ao cavaleiros tinham que correr emparelhado para não soltar o lenço. Saia na partida em toda carreira, no final da pista voltava, cumprimentava o povo, batia continência batendo na perna e não podia apartar. A outra corrida era os cavaleiros pegados na mão do seu parceiro e a última era do punhal cruzado.

A cavalhada apresenta vários rito desde a hora que o cavaleiro se veste, visto que ele depois de paramentado como cavaleiro não pode

ficar passeando pela ruas ou sítios, ou mesmo sentar em algum restaurante ou boteco. Ele só deve descer do cavalo em caso de necessidade (fisiológica ou outra que possa ser justificada ao matinador).

E sobre esse fato Zé Aluízio relata que:

> Primeiro ia para a igreja, sempre as duas horas, para terminar antes de anoitecer. Quando começou a cavalhada no Bonifácio, não tinha energia. Eram seis carreiras tirando a argola/ganhava que fizesse mais pontos. Tinha as rainhas de trajes azul e vermelho. Sem esquecer das rainhas... (silêncio) elas também tinham faixa, a do vermelho e a do azul. No final contava-se os pontos dos cordões e qual era o vencedor de cada partido (azul ou vermelho).

Essa fala de Zé Aluízio é muito interessante. Vê-se que às 14h o sol está causticante, mas em virtude de não ter energia à época era necessário. Atualmente, as cavalhadas têm início às 15h, ou se ainda estiver muito quente às 16h. Ainda sobre os ritos e variações das cavalhadas o entrevistado continua suas memórias dizendo: “Sempre tinha cavalhada fora e a gente ganhava corte de tecido! A gente ganhava um presente, era um corte de tecido, quando tirava a argola tinha uma pessoa para entregar um tecido”. E nesse contexto o entrevistado cita: “ Tem alguns cavaleiros de Atalaia”.

Mas a cavalhada faz parte da Festa de Santo. E sobre essa festa a entrevistada Amparo, professora da Escola Noé Simplício, conhecida como (Preta) diz que todas as noites havia festa, refere-se à missa, não só louvor e novena.

Mas sobre a Festa na contemporaneidade?

> Sobre a festa vem muita gente de fora, São Paulo, Salvador, vem gente também de Palmeira, Arapiraca, Igaci, bastante mesmo, tudo isso porque tem família aqui, inclusive tem pessoas de Maceió que compraram casa já para quando vir para cá ter onde ficar. São pessoas do Pedro de Rita, que inclusive seus avós tocavam no pífano, outros eram na zabumba. São sobrinhos que não estão deixando morrer a tradição, eles continuam com a mesma tradição dos avós, dos tios, pais e estão passando..., é uma coisa hereditária passando de um para o outro, são perfeitos, participam! É bem bacana!"

Ivone, funcionária da Escola Noé Simplicio também contribui dizendo

> Quando eu era pequena e meus pais falava que deu uma doença chamada peste aí começou a morrer muita gente, a morrer, morrer, morrer aí fizeram uma promessa pra São Sebastião, se ele fosse válido dessa promessa para parar de morrer gente aí continuava 9 noites de festa no povoado Bonifácio. Então até hoje estamos celebrando a missa a São Sebastião, a festa com a missa.

Contudo, mesmo que o início tenha sido com lamparina é uma tradição que acompanhou as mudanças do tempo e Ivone destaca que em todo começo do ano, em janeiro tem a festa de São Sebastião.

> É uma comunidade, que todo mundo participa, todo mundo gosta. A tradição de muitos anos, desde que eu era pequena já tinha essa tradição. Então, tem gente daqui que foi morar em São Paulo, mas sempre quando é mês de dezembro e início de janeiro chegam ao povoado Bonifácio.

> Quem bebe água do povoado Bonifácio nunca esquece dela não, meu filho!

Sobre a devoção a São Sebastião foi percebido durante as entrevistas, que vários homens foram registrados por Sebastião, cujos apelidos são: Tião, Basto, Bastião, Sebasto dentre outros.

A professora Auta Tânia, contribuiu de forma significativa dizendo:

> Eu não nasci aqui, mas meu esposo nasceu, inclusive, tem o nome de Sebastião, porque ele me disse que como teve a doença aqui há décadas passadas foi feita uma promessa para São Sebastião. Segundo a religiosidade as pessoas foram curadas, não tiveram mais a doença e os pais começaram colocar os nomes dos filhos de Sebastião!

A entrevistada destacou que é um prazer servir a comunidade, principalmente, no campo religioso ressaltando que em, 2023 foi professora de catequese preparando 22 alunos. É muito bonito, mas está a cada dia mais difícil, porque os jovens nem sempre querem participar.

Maria José dos Santos (Zinha) e sua família também são devotas de São Sebastião, mas reforça a devoção dizendo “sou filha de Nossa Senhora de Fátima e das Graças, todas as Nossas Senhoras com os seus nomes, mas é Nossa Senhora. Assim como minhas irmãs que também são devotas. E por falar em devoção a evidência vai para o Senhor Zé Moreno dos Santos e sua mãe Madalena Maria dos Santos. “Meu pai era minha inspiração! Ele agradecia por tudo e não reclamava por nada!”

Zé Moreno, se destacava por sua personalidade “homem bom”, era muito católico, devoto de Nossa Senhora e de São Sebastião. Na Festa do Padroeiro era responsável pela noite dos fazendeiros e cuidou da Igreja de São Sebastião por muito tempo, até o seu último ano de vida.

Segundo sua filha Zinha, ele era paciente, nutria muito amor pela comunidade de Bonifácio, trabalhou muito tempo do Bonifácio ao Coruripe em um carro de boi, depois passou a ser administrador da fazenda de Noé e tinha uma amizade muito bonita! Já com idade avançada recebia ajuda dos seu filho Antônio Cícero e Lucinha (Pipoca Boni) que, em virtude de ter perdido seu pai muito cedo, tinha Zé Moreno e esposa como seus pais.

Em janeiro de 2024, logo no início do Projeto Cultura do Lugar no Cotidiano Escolar, a professora Cristina Moreira e os cavaleiros Floro Augusto organizou uma cavalhada tradicional em homenagem a São Sebastião com Zé Menezes, Fernando Rocha Clesivaldo, Sandro Costa, Lúcio Carlos Medeiros, Fernando Vigário (Atalaia), André Vigário (Atalaia), Rodolfo Soares (Igaci) Cristiano Tenório, Gilberto Torres (Gil) dentre outros.

Prancha fotográfica 03 – Cavalhada que aconteceu em janeiro de 2024 no Povoado Bonifácio



Fonte: Acervo dos Autores, 2024.

Fotografia 06 – Participação dos alunos do grupo de pesquisa – GPRESC (João Gabriel da Conceição e Everton Cristiano)



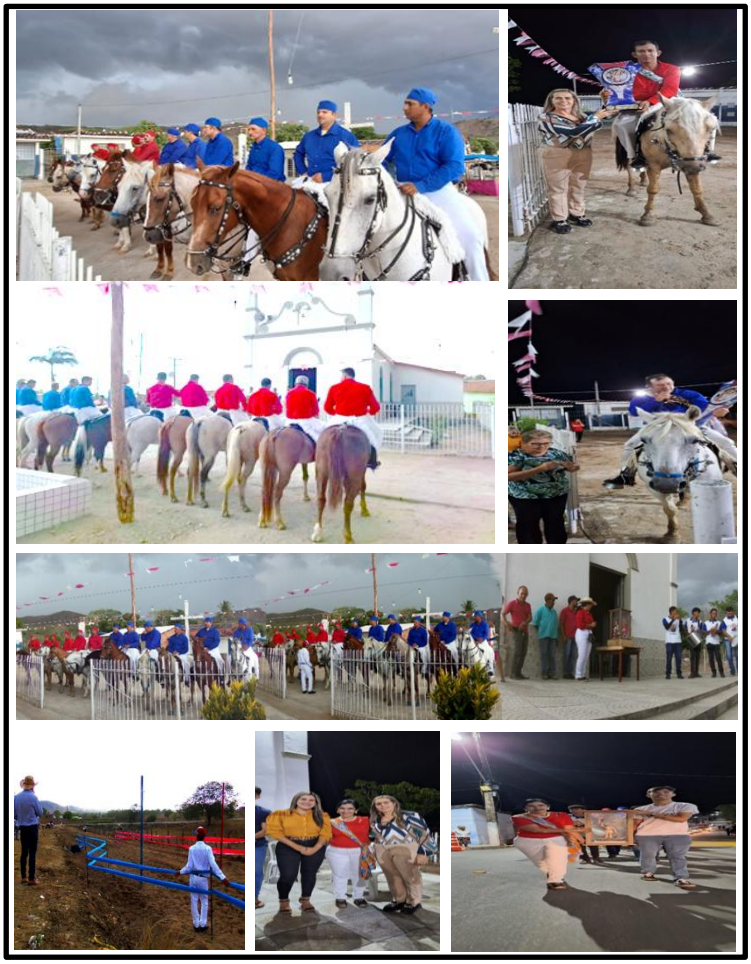
Fonte: Acervo dos Autores, 2024

Fotografia 07 – Banda de pífano Padre Cícero de Taquarana, sob a coordenação de Fernando Gomes Ferreira



Fonte: Acervo dos Autores, 2024.

Prancha fotográfica 04 – Cavalhada



Fonte:Acervo dos Autores, 2024

A tarde foi com céu nublado com nuvens escuras, resultando em um temporal, fato que não impediu a cavalhada acontecer em um terreno ao lado da Escola Noé Simplício. Para tanto, foi necessário o apoio da prefeitura, o trabalho do cavaleiro Floro Augusto e a participação da comunidade e do presidente da Associação Jorge Taveira e Carlinhos (o vice presidente).

Aconteceu a escaramuça em frente a igreja de São Sebastião, cujo matinador Floro Augusto, solicitou que a professora Cristina fizesse a oração. Em seguida os cavaleiros seguiram enfileirados, acompanhando a imagem de São Sebastião, a banda de pífano até a pista ao lado da escola. Após a cavalhada aconteceu a entrega dos troféus na frente da igreja, visto que a pista não tinha iluminação suficiente.

Na ocasião foram feitas homenagens a pessoas do povoado!

Devoção a Padre Cícero no Povoado Bonifácio

O Povoado Bonifácio tem seu padroeiro, mas tem seu uma forte devoção a Padre Cícero, mesmo sabendo que Ele não é considerado Santo pela Igreja Católica, é um servo de Deus! No entanto, isso não reduz a fé e as manifestações ao “Padim do Povo”. Em virtude dessa devoção fervorosa, é importante apresentar alguns ´pontos relevantes sobre a Festa de Padre Cícero citados pelos entrevistados. Ao chegar ao Povoado Bonifácio, as pessoas se deparam com várias estátuas de Padre Cícero, confirmando a devoção.

Fotografia 08 – Estátua de Padre Cícero na Praça de Bonifácio



Fonte: Acervo dos Autores, 2024

Nessa mesma perspectiva, a professora Auta Tânia reforça dizendo que nas festividades em homenagem a Padre Cícero sempre foi colaboradora, ou seja, coisas que não podem faltar na Festa religiosa dentre elas um carro de som que é indispensável.

De acordo com a entrevistada o povo de Bonifácio é “um povo bom, trabalhador e que gosta de preservar a cultura religiosa destacando São Sebastião e Padre Cícero”. Em sua fala reafirma que desde que chegou no Povoado, há 23 anos acompanha as festividades religiosas e, é com muita alegria que faz parte da equipe de apoio. Dessa forma ela contribui recebendo os zabumbeiros para o almoço ou café da manhã e diz” prestígio porque são pessoas ilustres da minha casa e tenho certeza de que saem satisfeitos”.

Ainda sobre a religiosidade popular no Povoado Bonifácio é possível destacar que Padre Cícero é muito evidenciado e Alagoas lidera o ranking dos romeiros em Juazeiro, distribuídos com mais frequência nos meses de janeiro, junho e novembro. Os romeiros do

Bonifácio, além da visita a Juazeiro, realizam manifestações religiosas no Povoado, com Festa e Cavalhada em homenagem ao Servo de Deus.

Sobre a Festa, a professora Maria do Amparo (Preta) diz:

> Que festinha! Eu adoro, o Meu Padinho Ciço! É comemorado com zabumba, novena, festa e as pessoas saem nas comunidades pedindo prêmio e ganham gado, galinha, ovo e muitas coisas... é o que o povo pode dar. Também eles trazem aqueles brinquedos de parque para criança. Eu tinha saudade do barco que a gente puxava com corda, minha mão enchia de calo (risada). Hoje já não tem... O parque já é mais moderno, vem pula, pula para as crianças e outros brinquedos melhores que os da minha infância!

A Festa é organizada há anos, por uma família, quando a matriarca Augusta Ferreira dos Santos fez uma promessa aos 60 anos, para alcançar a cura de uma doença cardiovascular. Após 15 anos da graça alcançada ela veio a falecer, aos 75 anos, mas todos os anos honrava sua promessa a Padre Cícero.

Com a graça alcançada, o pagamento da promessa consistia em realizar uma novena, com zabumbeiro e leilão. Contudo, com o falecimento de Augusta, sua família deu continuidade, ficando sob a responsabilidade do seu filho Genivaldo Ferreira dos Santos, atualmente, com 64 anos.

Em entrevista, realizada pela professora Maria Monteiro, da Escola Noé Simplício com o Sr. Genivaldo ele afirmou que a primeira estátua de Padre Cícero no Povoado, foi doada por sua mãe e ainda destacou que sob a responsabilidade dele, a Festa de Padre Cícero adotou a cavalhada tendo como primeiros participantes: (in memorian, Assis

Moreno, Manoel Moreno, Basto Pedro, Manoel Paciência e Tancredo de Quebrangulo, cabeça/matinador), José Aluísio, Manoel Paciência, (cabeça/matinador), Tonho de Valdemar, Pedro Cazuza, Damião Cazuza, Biu do Poço da Onça, entre outros.

Com o passar do tempo outros cavaleiros foram chegando, visto que alguns estavam de idade avançada. Atualmente os cavaleiros são: Eraldo Filho, (Boni), Gerailton, Jefferson, Damião, Zé Mané, Adailson (Oreia), Thiago, Fernando, Zé Menezes, Cristiano Tenório, Jackson Nunes, Anderson Nunes, entre outros que moram próximo e são convidados.

Prancha fotográfica 04 – Cavalhada



Fonte: Maria Monteiro, 2025


POV. BONIFACIO
P.C
. CAV

CAPITULO VII

A ORGANIZAÇÃO DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO

Ana Cristina de Lima Moreira[35]
Lívia Maria Correia Araújo[36]
Ranyara Oliveira da Silva[37]

Jorge Amâncio Taveira Neto[38] , tem 32 anos, reside no Bonifácio e, é um dos entrevistados mais novos que contou um pouco de sua trajetória enquanto uma liderança do lugar. Como a maioria dos(as) jovens de sua idade estudou na Escola Mary Sampaio até a 8ª série, que é atualmente é o 9º ano e o Ensino Médio em Palmeira dos Índios, no Colégio Estadual Humberto Mendes. Após o término do Ensino Médio, foi estudar no Instituto Federal de Alagoas- IFAL e depois foi cursar Administração no CESMAC onde garantiu seu Bacharelado, em Administração de Empresas, ainda tentou fazer Especialização em Maceió, mas posteriormente fez opção em estudos à distância.

Sobre a Festa do Padroeiro, Jorge afirmou que sempre acompanha e gosta muito! “Quem me conhece sabe o quanto eu gosto e me dedico

[35] Ana Cristina de Lima Moreira, Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: cristinamoreira@uneal.edu.br
[36] Lívia Maria Correia Araújo, graduanda em Geografia. E-mail: livia.araujo.2021@alunos.uneal.edu.br
[37] Jorge Amâncio Taveira Neto em entrevista na Fábrica de Pipocas Boni, localizada no Bonifácio, realizada em 2024.
[38] Jorge Amâncio Taveira Neto em entrevista na Fábrica de Pipocas Boni, localizada no Bonifácio, realizada em 2024.

para que aconteça essa Festa que vem se mantendo até hoje. Inclusive, é uma festa centenária, mais do que centenária. Tem mais de cem anos que ela existe." Ele acredita que o prazer de fazer parte da organização da festa, está diretamente ligado a influência da sua família. "É coisa do sangue! Porque meu avô, meu finado avô, pai da minha mãe, ele era como se fosse o idealizador dessa festa".

Diante da afirmação foi necessário saber mais um pouco sobre essa influência familiar. Foi solicitado, que dissertasse sobre essa questão que envolve a Festa do Padroeiro e inicia dizendo: "Era José Moreno dos Santos, faleceu com 90 anos de idade e a vida dele foi dedicada a essa festa. E eu sempre, enquanto criança, acompanhava de perto, mesmo sem poder assumir as responsabilidades que assumo atualmente." Em sua fala deixa claro que a época não ajudou tanto quanto hoje, em virtude de sua pouca idade com a falta de maturidade, fazendo uma comparação das fazes da vida e a responsabilidade de cada uma, "uma criança, um jovem, não têm a mesma responsabilidade que uma pessoa na fase adulta da vida. Mas sempre gostei. Eu até digo o seguinte: a Festa do Padroeiro é do padroeiro, mesmo!"

Quando Jorge fala que "a Festa do Padroeiro é do Padroeiro", faz referência que independente do espaço de tempo, ou seja, de quatro dias, nove noites com as novenas, com festa ou sem festa além dos ritos religiosos, a comunidade se volta para as devoções a São Sebastião, até porque é uma tradição que já ultrapassou os cem anos. Considerando a idade de Jorge, 33 anos, vê-se nitidamente que ele consegue envolver jovens, adultos e idosos, um passa para o outro. Isso é tradição e cultura do lugar!

Contudo, Jorge Amâncio explicita a sua preocupação:

> Vejo que as pessoas não estão dando muito valor a cultura tradicional. A gente vê que...Chega

> agora a festa em janeiro e vemos pelo número de pessoas da comunidade que vêm participar ... Participar, que eu digo, da novena, que é na igreja, ou seja, tudo o que acontece na Festa do Padroeiro. Depois, a salva de fogos, os zabumbeiros, a banda de pífanos tocando, o leilão acontecendo e continua.

Diante das afirmações é observado que até hoje a Festa é mantida e já é tradição! Todos os anos, a partir de onze de janeiro a vinte de janeiro é comemorado o dia do Padroeiro São Sebastião. As pessoas da comunidade nunca mudaram essa tradição, ou melhor, dia do santo. É uma data fixa, independente do dia da semana, o que conta é a data, dia vinte de janeiro, dia do santo para encerrar a festa.

Diante da evolução dos tempos, o entrevistado faz uma observação, "antes, eram nove noites de festa mesmo, sem precisar ter banda de forró, sem precisar ter essas coisas que o mundo de hoje oferece. E era cheio de gente". Jorge, aponta algumas diferenças de antes, visto que atualmente a luta é grande, sendo necessário trazer atrações.

A festa acontece assim...

De onze a dezenove de janeiro, as pessoas mais antigas, determinavam que cada noite seria responsabilidade de uma família. Jorge exemplifica: "Por exemplo, dia onze de janeiro de 2024, família Moreno, que é a família do meu avô, por parte de mãe. Dia doze, a família Fernandes, depois a família Cassemiro, Família Alves dentre outras, até o dia quinze, sem acontecer nada de banda de pífano, de leilão, nada!" A partir do dia dezesseis a dezenove fica sob a

responsabilidade de grupos, ou seja, Noite das Mulheres, dos Fazendeiros, dos Quilombolas, do Solteiros, mas todos participam.

É interessante observar a fala do entrevistado, quanto a organização da festa, em virtude de que as responsabilidades da Festas religiosas são divididas com as famílias. Essas se sentem corresponsáveis e tendem a fazer o melhor.

É possível entender que: A noite das mulheres é com a família da dona Maria (Nem) e continua assim... outro dia é o Jorge e seus primos, cuja denominação é noite dos solteiros. Mas não é obrigado ser solteiro para participar, porém, é o grupo específico para organizar. Então, assim segue a sequência com a noite dos quilombolas e a dos fazendeiros.

Ainda sobre os ritos antes do encerramento da Festa, vale lembrar que acontece o tríduo, às 6h da manhã, acontece a salva de fogos com a banda de pífano na frente da igreja. A alimentação do pessoal da banda fica sob a responsabilidade de algum morador, previamente combinado com a equipe organizadora da festa.

Após o café da manhã, algumas pessoas da comunidade, juntamente coma banda de pífano, saem para outras comunidades, “de casa em casa” no intuito de angariar prendas para o leilão que acontece no sábado, logo depois da missa. Então, após um dia de caminhada, às 16h, ou melhor, quando o sol está ameno, o grupo que acompanha os tocadores e a banda saem pelas ruas do povoado, parece até uma procissão para arrecadar mais prendas. E às 18h acontece mais uma salva de fogos, em seguida, o jantar, na casa de outro morador e, às 19h ou 19h30min depende da disponibilidade dos padres acontece a missa.

Conforme a fala de Jorge, é possível entender a dinâmica da comunidade em torno das manifestações devocionais religiosas a São

Sebastião com as novenas e o tríduo. Após a missa do sábado, acontece o leilão com as prendas arrecadas durante o dia. Para tanto, é colocado uma mesa, do lado de fora da igreja, e todos os brindes são expostos, mas vale dizer que varia muito, ou seja, fuba para cuscuz, doce, ovos, galinhas (muitas) dentre outras coisas. Quando tudo está arrumado se aproxima a pessoa que vai gritar o leilão e cada um diz o que quer pagar.

Há esse ritual todos os dias, até chegar o dia vinte, que é o dia final da festa. Para Jorge "o dia vinte é o dia mais triste, mas é o mais importante! Triste, eu considero porque está acabando! A nossa Festa é muito boa e eu sou... suspeito a falar dela!"

Diante de todo relato da festa, vê-se nitidamente que há participação da comunidade:

> eu gosto de verdade, mesmo! Chegou o dia que a gente até a chorou, em virtude da quantidade de pessoas que vinha antes. Atualmente temos facilidade. É como eu disse, a tecnologia, as redes sociais, elas atrapalham, mas ao mesmo tempo ajudam, pois, encurtou a distância daquele parente que vem de São Paulo e de outros lugares. É o que acontece. É o outro que vem de Maceió, o outro de outro lugar e se instala aqui, na casa dos parentes como se fosse uma pousada, desde o dia quinze. E eu vejo tudo isso!

Jorge considera uma confraternização de família. "Por isso que eu digo que a nossa festa era diferente". Então, dia vinte, pela manhã não tem nada e as pessoas geralmente estão descansando e reunidos com as famílias. É nessa ocasião que fazem churrasco, preparam a galinha de capoeira e outras comidas que são feitas com muita alegria. O que não deixa de ser uma confraternização.

Algumas pessoas não ficam para acompanhar a procissão, devido ao

retorno para seus lugares, a responsabilidade de trabalhar no dia seguinte dentre outras situações, visto que acontece às 16h. Contudo, quem não tem compromisso saem acompanhando a imagem do Padroeiro por toda a comunidade. Durante a procissão, não faltam os fogos, para tanto, há uma pessoa responsável e atenta na hora que é avisado para soltar. “Durante essa procissão, soltam fogos. Alguém diz: Eu fiz uma promessa, eu quero que solte tantas caixas de foguete, e são soltados durante a procissão todinha, tiro, tiro, tiro, aí vem e termina na igreja.”

Ele realmente disserta de forma minuciosa e clara como acontece a Festa do Padroeiro trazendo mais informações.

> Às cinco horas, a missa campal. Ano passado, nesse mesmo dia, após a missa, teve a cavalhada, que é a que a professora participa. Esse ano (2024), a cavalhada foi dia dezenove por conta de logística dos dias. Mas, a cavalhada, foi retornar no ano passado, porque passou muito tempo sem acontecer. Era uma tradição! A última vez que teve, eram os meus tios, que hoje são falecidos, que organizaram, que eu não cheguei a alcançar.

De acordo com Jorge é possível que tenha sido há uns vinte anos que aconteceu a última cavalhada no Bonifácio. “A festa da igreja do Padroeiro é resumida nesse ritual aí”. Geralmente para o percurso da procissão é necessária uma hora e, às 17h acontece a missa. “Em 2024, após a missa, teve a cavalhada, que é a do Projeto de Extensão/UNEAL da Profa. Cristina Moreira.

Para que o Projeto fosse entendido pela comunidade fez-se opção em discutir em reunião, na escola Mary Sampaio Caparica como seria o dia 19, pois, seria o primeiro evento do Projeto. E o entrevistado tem consciência de que “mas, a cavalhada, está retornando, porque passou

muito tempo sem acontecer. Mas era uma tradição, porém, passou muitos, muitos anos sem acontecer".

Nos outros anos, após a missa, geralmente, o pessoal que estava coordenando as atividades da Igreja, traziam um bingo que é chamado de festa profana, ou seja, aquela que não faz parte das celebrações religiosas, bem como o BONIFEST, organizado por Jorge, primos e demais membros da comunidade que consiste em trazer uma banda.

Para organizar o BONIFEST Jorge diz que é uma coisa de louco, em virtude de que é muito compromisso para poucas pessoas. Principalmente, ele que fica na organização da Festa do Padroeiro com seus primos tendo certeza de que: "Foi de Deus mesmo, para dizer assim, vou fazer assim, vai dar certo! Porque a gente achou que era incapaz, assim. Mas, como eu gosto de desafio, acho que isso foi mais um colocado na minha vida."

Em sua fala deixa claro que é muito trabalho cuja responsabilidade é dele e de seus primos, sem sobrar tempo como antes, ou seja, visto que a Festa estava sob a responsabilidade de outras pessoas. "Então, eu comparo o seguinte, que as pessoas que hoje têm a idade que eu tinha, acredito que consideram o povoado hoje melhor do que eu considerava naquela época".

Sobre a dimensão da responsabilidade ele disse:

> É além... É fora do normal. Sabe a festa não está só resumida no ritual religioso. O dia todinho, se a gente for prestar atenção, tem coisas para fazer! Como a gente comentou, o ano estava voando, mas antes parece que demorava mais a passar. Então, é isso. É bom demais! Eu gosto muito de tratar e falar sobre isso. Fico ansioso e esperamos chegar o próximo. É isso aí!

No propósito de dar continuidade ao evento, Jorge se preocupa em ir ensinando, dando responsabilidade a outros jovens para que se sintam responsáveis e mais tarde possam também, assim como ele, assumirem a coordenação da Festa.

.



CAPITULO VIII

ESCOLA NOÉ SIMPLÍCIO DO NASCIMENTO

Ana Cristina de Lima Moreira[39]
Gustavo Souza Barros[40]
Lívia Maria Correia Araújo[41]

A Escola Municipal Noé Simplício, em Palmeira dos Índios localizada no Povoado Bonifácio, foi inaugurada em 2024, na gestão de Prefeito Júlio Cezar da Silva, sob a direção e vice direção de Vanessa Bazílio e Gildete Maria da Silva, respectivamente.

Mas não há como falar na Escola Noé Simplicio sem a Escola Municipal Mary Sampaio Caparica. A história da Escola é repleta de memórias afetivas, pois, a primeira escola foi a Mary Sampaio Caparica, inaugurada na década de 90. Mas não estava atendendo as demandas atuais, principalmente, sua estrutura física.

[39] Ana Cristina de Lima Moreira, Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: cristinamoreira@uneal.edu.br
[40] Gustavo Souza Barros, graduanda em Geografia. E-mail: gustavo.barros.2021@alunos.uneal.edu.br
[41] Lívia Maria Correia Araújo, graduanda em Geografia. E-mail: livia.araujo.2021@alunos.uneal.edu.br

Fotografia 10 – Escola Mary Sampaio Caparica



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

É um prédio simples, compatível com a época em que foi inaugurada, apresenta o teto baixo, piso de cimento queimado, salas pequenas e com alguns espaços adaptados para atender o grande número de alunos.

Mesmo apresentando esses problemas, sempre superou as expectativas, nas questões pedagógicas cumprindo seu papel social. Há um histórico de alunos que estão no mercado de trabalho e na Universidade. Mas é unanime as pessoas de um modo geral afirmarem que é graças a dedicação, comprometimento dos professores(as) e o trabalho articulado com a equipe gestora da Escola Mary Caparica sempre lembrada pelos entrevistados através da Diretoras: Maria José dos Santos (Zinha), Auta Tânia do Nascimento, Maria Eunícia Canuto e Vanessa Soares Basílio Gomes e Daniela Lopes de Melo.

Prancha fotográfica 04 – Gestoras da Escola Municipal Mary Caparica



Fonte: Vanessa Basilio, 2025

E por falar nas Diretoras, ressalta-se que Zinha[42] em entrevista diz: "Eu tenho um orgulho enorme de ter sido a pessoa na Mary Sampaio a participar de um momento tão importante!" Em 1997, era para implantar do 5º a 8ª série (nomenclatura da época) e, não existia ainda nenhuma escola pelo município, sendo o Bonifácio o primeiro." O grande desafio era, porque não tínhamos aluno e, segundo a

[42] Zinha em entrevista concedida através do áudio, em 2025

entrevistada, “foi literalmente uma luta!” A tarefa também consistiu em buscar alunos porta a porta, de casa em casa e aos poucos os jovens foram chegando para fazerem matrícula. A campanha foi grande, pois, até a casa da mãe de Zinha foi transformada em ponto de matrícula.

A Escola Mary Sampaio Caparica não existia, ela começou na época de Gileno Sampaio, quando foi inaugurada. Já no segundo mandato do prefeito Helenildo Ribeiro, foram implantadas as turmas do primeiro ao quinto ano e Zinha foi uma das primeiras professoras das referidas turmas.

Nesse contexto, cita-se Manoel Higino, destacado como um grande e incansável batalhador para a implantação de outras turmas, a época o ginásio, atualmente, Ensino Fundamental anos finais. Segundo Zinha, alertava a Higino que não era possível, pois, a escola tentou, mas perdeu os alunos para o Estado e explicava a situação.

Como Manoel Higino não desistia, outros rumos foram tomados. Então Zinha e Higino resolveram falar como a Secretária de Educação do município, que a época era Josefa Pinheiro, essa que, após ouvir atentamente as reivindicações para o Bonifácio, pediu que fosse feito um levantamento. E a partir daí começou uma campanha até chegar alunos de vários locais, inclusive, da Serra da Mandioca e Serra de São José.

Em 1997, foram criadas três turmas de 5ª séries, as turmas de 6ª, 7ª e 8ª a princípio, foi uma de cada e Zinha foi convidada para ser Diretora, visto que mesmo sem experiência em gestão, demonstrava habilidade em trabalhar com pessoas. É fato que escola não tinha muito espaço, pois só eram quatro salas de aula, mas aconteceu o inesperado, um total 465 matrículas. Momento, em que a prefeita Maria José Nascimento, que também era professora, esteve presente e juntamente com a

coordenadora Célia Amaral, entendeu a necessidade de contratação imediata de várias professoras.

Não obstante, esse trabalho foi possível graças a ajuda de outras professoras, dentre elas Maria Zélia Ferreira (Zelinha) e Verônica Cavalcante (Verinha), esta última após anos de dedicação a Mary Caparica e no último ano Noé Simplício solicitou aposentadoria por tempo de serviço.

A partir daquele momento, houve uma efervescência de alunos e o Bonifácio começou a receber muitos deles. Mas em virtude da pequena estrutura física da Escola Mary Sampaio foi necessário adaptações. Nesse caso especificamente, foram alugadas duas casas, além de transportes para os alunos quando não existia uma política pública para este fim, sendo os primeiros motoristas, o conhecido Babalu da Serra da Mandioca, o Gilberto e o Silvano. Esses foram responsáveis em transportar os alunos do Cafundó, da Barra, do Olho D'água, Serra da Mandioca, Serra de São José, Cedro e Mata Verde.

Sobre esse momento Zinha afirma:

> O Bonifácio começou a ficar uma coisa linda, cheio de alunos! Sempre fui apaixonada pela educação, eram três turmas da quinta série, duas de alunos bem jovens e outra de adultos. É interessante que tivemos pais e filhos estudando no mesmo horário, a exemplo Gidégina e a filha Priscila coordenadora do Complexo Educacional Agostiniano, José Nunes (Lindo) e seu filho Anderson. Foi além do sonho! Eu não sonhava tão alto! Esse sonho era Seu Manoel Higino, pois ele via que alguns alunos iam estudar em Mar Vermelho.

Sem dúvidas, foi um tempo de aprendizado, mas o enfrentamento

dos desafios só foi possível graças a união entre os professores e o exemplo de seus alunos e o resultado segundo Zinha,

> Atualmente nós temos a resposta de vários profissionais no mercado de trabalho, funcionários públicos estaduais municipais e federais. Tenho orgulho de ter sido a primeira diretora do ensino fundamental da escola Mary Sampaio. É gratificante encontrar professores, policiais militares e civis, técnico em enfermagem, enfermeiros dentre outros.

A entrevistada continua dizendo:

> O meu orgulho foi enorme, porque era uma região carente de escolas com tantos jovens e adolescentes que sonhavam em poder estudar. Mas a maioria não podia sair do lugar para estudar, visto que os pais não tinham condições de comprar ou alugar casa em Palmeira dos Índios. Depois de todo esforço eu vou dizer no popular "veio enxurrada de alunos.

Em meio as conquistas, nem todos os problemas foram solucionados, pois, os alunos enfrentavam situações muito difíceis, saiam de casa entre 10h e 11h e, às vezes sem almoçar. Eles moravam nas grotas, nas serras, em lugares distantes e o carro que passava era o caminhão do senhor Gilberto, esse senhor que, além de ser motorista, trabalhava como colaborador da escola e ajudava em várias atividades. Contudo, se alguns não continuaram, a maioria deu continuidade aos estudos.

É sobre educação que Manoel Higino fala com maestria. Um homem além de seu tempo, visto que praticamente sem formação escolar, tem uma visão macro das situações vigentes, quer seja no campo político ou

econômico, entende que o ponto de partida é a educação.

> Quanto a escola, prefaciando a vida, é o alicerce de todas as atividades e ocasiões! A escola, a educação, ela engrandece e qualifica o ser humano para o trabalho, para viver e para se relacionar com as pessoas. Então, nós estamos de parabéns com essa escola, com o pedreiro que trabalha com aquela escola. Nem Arapiraca, que é um município desenvolvido, cidade grande, segunda maior do estado, não tem uma escola igual a essa aqui, moça!

Entusiasmado faz relatos e caracteriza a escola Municipal Noé Simplício diante do seu olhar;

> Eu acho que na zona rural, a gente não pode encontrar uma escola igual a essa, que é feita num estilo moderno. Esse canelão de vidro produz luminosidade. Se fosse de madeira, estava escuro aqui, mas a vidraça gera luminosidade. Então, é uma escola ampla, feita num estilo moderno.

Nesse contexto, Ivone de Araújo Nunes (58 anos), em entrevista, externou gratidão por suas conquistas.

> Deus foi tão maravilhoso que quando completei 18 anos comecei a trabalhar com carteira assinada até hoje! Me orgulho por ter ajudado meu pai na roça e Deus me deu o meu até hoje. Vi a Escola Mary Sampaio ser fundada e de lá para cá, a gente veio para essa escola nova, que é Noé Simplício!

Auta Tânia do Nascimento Lima, pessoa bastante conhecida no povoado, tem 59 anos e está no Bonifácio há 23 anos, desde quando se casou com Sebastião, natural do Bonifácio. Foi Diretora da Escola do Mary Sampaio Caparica (11 anos), fez parte da equipe pedagógica do

Município é amante da escrita e da leitura, autora de vários trabalhos que contam a história do seu lugar explícitos em versos. É membro efetiva da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes - APALCA. Está aposentada, mas continua prestando serviços à comunidade, afirma:

> Não podemos deixar de falar em Noé Simplício que é o nome da escola! É merecido! O Senhor Noé foi uma pessoa que ajudou muito a comunidade, principalmente na questão da agricultura, ele arrendava as terras, sem receber dinheiro. Ele deixava as terras marcadas, emprestando mesmo, para que as pessoas plantassem e cultivassem.

Sobre a escola Noé Simplício a professora Monteiro responde:

> Eu não vou sair daqui! Há vinte e sete anos, o Bonifácio faz parte da minha vida! É um lugar tranquilo, é realmente uma tranquilidade. Meu trabalho é perto de casa quer dizer, moro na escola Noé Simplício, passo mais tempo no trabalho. Eu faço parte dessa escola!

É possível entender essa paixão da professora Monteiro, quando ela continua sua fala e dizendo: “Se eu não fosse professora, eu não seria nada! Não sei viver sem minha sala de aula.” Para ela a escola Mary Caparica não foi só uma mudança! A Noé Simplício é tudo o que realmente estávamos precisando!”

Zinha, diz que a Escola Noé Simplício foi um sonho realizado e uma homenagem muito justa, porque o Senhor Noé foi patrocinador e grande torcedor da escola. “Ele ficava encantado com tantos alunos! Quando ia visitar a fazenda, parava próximo a uma árvore, onde está localizado

o mercadinho e ficava observando!”

Maubia Barros Padilha Farias[43] (2025) deixa claro seu reconhecimento acerca de cada momento, porque apesar da simplicidade da Escola Mary Sampaio Caparica, carrega muitas histórias de lutas e tem sua importância para a educação, um exemplo para a comunidade. “Foi e continua sendo uma escola exemplo!” Mas evidencia que a passagem para a Noé Simplício foi uma conquista, uma vitória esperada por muitos, há muitos anos. “A Noé tem uma nova estrutura e a educação tem nova cara”!

Gildete (2025) que é professora e atualmente vice-diretora da Escola Noé Simplício, lembra das mudanças de função, mas faz uma ressalva “sou professora”. A mudança para a Escola Noé Simplício há muito era esperado e foi recebido com muita alegria. “A outra escola era precária, o espaço reduzido e aqui é outra realidade, os alunos têm um espaço aconchegante!”

Diante de tantas memórias sobre essa escola, a primeira e atual Diretora eleita da Escola Noé Simplicio, é a professora Vanessa Basilio que enfatizou sobre a gestão “ a tarefa de gerenciar, ou seja, ser Diretora de escola não é tarefa simples! “

[43] Entrevista realizada em 2025.

Fotografia 11 – Diretora Vanessa e Gildete Vice-diretora



Fonte: Cristina Moreira, 2024

Mas ao mesmo tempo Vanessa afirma “essa escola é como uma filha que eu cuido, zelo e busco sempre dar o meu melhor para que todos os projetos e as metas sejam alcançadas”. Fala com emoção pelo fato de entender que:

> Essa escola é o sonho de muitos diretores não só por seu espaço físico, mas pelas pessoas que nela trabalham. É uma verdadeira equipe! Cheguei aqui no Bonifácio, em 2021, para assumir a direção da escola Mary Sampaio Caparica e fiquei até 2023, quando houve a gestão democrática e fui eleita diretora da escola até os de hoje.

Assim, a cada relato vai deixando explícito a importância da escola para a comunidade

> A escola Noé, não é simples é a realização de um sonho! Ela representa muito mais que uma instituição de ensino, nela, os alunos se sentem

> valorizados e parte integrante de todas as atividades, desenvolvidas. A escola vai muito além dos muros e grades que a cercam, ela está presente nas festas culturais, nas reuniões dos centros comunitários, no Quilombo e, em todas as atividades desenvolvidas por estas comunidades. Aqui existe a parceria entre escola e comunidade!

Mas em meio a tantas memórias, não podia deixar de falar sobre o Projeto: Cultura do Lugar no Cotidiano Escolar, que está sendo desenvolvido desde dezembro de 2023, na Escola Noé Simplício inaugurada em 2024. Vale salientar que é um projeto de Extensão, da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, coordenado pela Prof.ª Dra. Ana Cristina de Lima Moreira, do Curso de Geografia, Campus III.

BONIFACIO



CAPITULO IX

PROJETO DE EXTENSÃO:CULTURA DO LUGAR NO COTIDIANO ESCOLAR NA ESCOLA NOÉ SIMPLÍCIO

Ana Cristina de Lima Moreira
Coordenadora do Projeto

O Projeto de Extensão e Curricularização/ Curso de Geografia/UNEAL Campus III em Palmeira dos Índios, sob o Edital 068/2023 da Pró-reitora de Extensão – PROEXT intitulado: Cultura do Lugar no Cotidiano Escolar tem o objetivo de trabalhar a Geografia Cultural enfatizando diversas áreas do conhecimento, buscando compreender os sujeitos que vivem na comunidade do Bonifácio, em Palmeira dos Índios, através de sua vivência e memórias tendo como referência o chão da escola. Assim, dentre outras atividades já citadas, realizadas com os alunos do Ensino Fundamental II, fez-se opção em expandir o referido Projeto para a Educação Infantil e Ensino Fundamental I com a contação de "História" das Batalhas Medievais.

Fazem parte desse projeto os alunos do Curso de Geografia/ UNEAL, os alunos 7º 8º e 9º da Escola Noé, (pré) Educação Infantil, 1º ano do Ensino Fundamental, as Professoras, Monteiro, Rosangela e Daniela, Sr. Jileno Soares (Tabacaria), os cavaleiros Floro Augusto, Fernando Rocha, João Ferro, José Menezes, Sandro Costa, Lúcio Medeiros, Fernando Vigário e pessoas da comunidade.

Os alunos da Universidade participam de forma ativa conhecendo a comunidade e a história através de visitas às casas dos moradores mais antigos, para a realização de entrevistas com as pessoas que foram citadas pelos alunos e professores, objetivando ouvir a memória e posteriormente, realizar a escrita de um livro com as memórias dos entrevistados.

Para a realização de um Projeto de Extensão com essa proposta, é importante destacar o apoio e as parcerias da UNEAL, na pessoas do Reitor Odilon Máximo, Pró-reitora de Extensão Sanadia Gama dos Santos, da Direção do Campus III, Josiene Falcão e Denize dos Santos, de modo específico e fundamental a Direção e equipe da Escola Noé Simplício representada por Vanessa Basílio e Gildete Silva dos Santos, bem como as famílias responsáveis pelas crianças, cavaleiros e tocadores voluntários.

No primeiro dia das entrevistas a equipe da Secretaria de Educação esteve presente acompanhando e fazendo os registro necessário com total apoio da Secretária Renilda e da Diretora Vanessa Basílio. Na ocasião vários moradores que no decorrer da pesquisa foram entrevistados estavam na escola para ouvirem a proposta.

Fotografia 12 – Primeiro dia de entrevistas, 24\04\2024.



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Quanto a Educação Infantil e Ensino Fundamental I, o objetivo foi falar sobre a cultura do lugar, principalmente, a cavalhada e banda de pífano através da contação de histórias, sobre as Batalhas Medievais, a luta pelo território e a cultura do lugar.

Assim, diante do contexto foi imprescindível a implantação da cavalhada infantil e da banda de pífano, com o objetivo específico de apresentar os principais significados e ressignificados da cultura sociorreligiosa do Povoado do Bonifácio, através da Festa de São Sebastião, o Santo Padroeiro e Festa de Padre Cícero, dando ênfase a identidade com a participação dos quilombolas da Tabacaria.

As cavalhadas são torneios equestres, oriundas da Europa, embasadas nas batalhas que aconteciam na Idade Média, quando Carlos Magno foi coroado Imperador pelo Papa. No Brasil, chegaram como folclore e cultura religiosa e, em Alagoas acontecem em mais de 60

municípios, sendo Palmeira dos Índios, um dos representantes dessa cultura, trazendo seus ritos e simbolismos, cujas cores azul, a cor dos cristãos e o vermelho dos Mouros. Cores que simbolicamente representam de Alagoas, visto que o branco é a cor da calça dos cavaleiros.

Muitas situações vividas por escravizados e indígenas são retratados através das danças, folguedos e de devoções culturais em Alagoas, dentre elas a cultura religiosa. Desta feita é a comunidade do Bonifácio, povoado localizado na área rural de Palmeira dos Índios, que assume o protagonismo.

Diante do exposto o trabalho de extensão realizado na Escola Municipal Noé Simplício do Nascimento, tende a garantir a continuidade e a intensificação das atividades culturais ligadas a religiosidade popular, cujas manifestações religiosas e devocionais que fazem parte da identidade do povo daquele lugar e precisam ser significadas e ressignificadas neste século, a partir da escola.

Para a implantação da banda de pífanos, tivemos a participação do Sr. Jileno Soares da Tabacaria (zabumbeiro) que voluntariamente ensinou aos meninos, formando uma banda de pífano infantil e quando necessário outros adultos que fazem parte do terno de zabumba da referida comunidade também chegam a escola ou lugares de apresentação. Para tanto, o Projeto proporcionou a doação de instrumentos para a banda infantil e para a banda adulta dos Quilombolas da Tabacaria, cujos instrumentos que eles utilizavam estavam bastantes desgastados e as crianças utilizavam os instrumentos da banda da escola conforme fotografias.

Prancha fotográfica 05 – Apresentação na Escola Estadual Egídio Barbosa - Comunidade de Lagoa do Caldeirão-Palmeira dos Índios ainda com os instrumentos antigos e o dia da entrega dos novos instrumentos.



Fonte: Cristina Moreira, 2025

Jileno Soares[44] (Zabumbeiro) justifica porque deixa seu trabalho e vai ensinar os meninos na escola:

> Eu me sinto na maior felicidade ensinando a essas crianças! Eu lembro que quando eu era pequeno, nesse sertão, onde eu nasci, via os demais...outros tocadores, tocando e eles me ensinaram. Então, o que eles me ensinaram na maior boa vontade eu também tenho prazer em ensinar eles. Quando eu estou com esses meninos e eles começam a bater, errando ou acertando, eu me sinto bem, bem mesmo! È uma felicidade!

[44] A grafia do nome do Sr. Jileno Soares é com “J” e não com “G” como é corretamente.

Vê-se claramente a satisfação dele que é extensiva dos demais membros da banda (José Leonildo, Expedito, Odílio e Márcio) que também são da Tabacaria e voluntários. Sabe-se a importância da troca de saberes e na Tabacaria é muito importante trabalhar com as crianças.

Fotografia 13 – Banda de Pífano Adulta coma Profª. Cristina Moreira



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Para Jileno é importante continuar com esse trabalho porque: "essas crianças têm uma ocupação, uma alegria tocando, aprendendo. Um projeto que ensina a essas crianças a arte da música da gente é muito bom!"

Ao mesmo tempo que Jileno destaca a importância, enfatiza que: "Precisa de mais gente! E emocionado diz "Deus enviou você do Céu,

Cristina! É uma beleza para o nosso lugar e para a cidade também." E continua a fala dizendo que envia muitos vídeos das apresentações para familiares e amigos que moram em outros lugares e assim " O Brasil todo já conhece esse projeto. È muito lindo!"

A cavalhada infantil, teve início com a contação de história (Professora Cristina Moreira/UNEAL), cujas falas são em torno da cultura religiosa herdada desde o Brasil Colônia, trazida pelos jesuítas e negros escravizados.

Saindo da teoria à prática, ou seja, a escola de cavalhada infantil, deu-se com os cavaleiros Floro Augusto, Sandro Costa, Zé Meneses, Fernando Rocha, João Ferro, Fernando Vigário (Matinador/Atalaia), Acari (Lanceiro/Atalaia) Lúcio Medeiros e Jadson Leone juntamente com a professora Cristina Moreira ao longo do Projeto colaboram com seus saberes.

Fotografia 14 – Desfile de Emancipação Política de Palmeira dos Índios



Fonte: Prefeitura Municipal, 2024

Nesta fotografia temos da esquerda para direita os cavaleiros de vermelho Jadson Leone, João Ferro e de azul Zé Menezes, Sandro Costa e lúcio Medeiros ressalta-se que este desfile teve a participação de Junior Calheiros(Xuxa /Atalaia) e Fernando Rocha (Bonifácio).

A extensão vai além da Escola Noé Simplício e da comunidade do Bonifácio, ela vai a outros povoados e cidades com apresentações da cavalhada e banda de pífano em vários lugares (escolas, instituições, eventos). Esse grupo participou e continua participando em desfiles e apresentações em várias escolas estatuais e municipais, no intuito de trabalhar as cavalhadas como Manifestação Religiosa da Cultura Popular de Alagoas.

Prancha fotográfica 06 – Momentos de planejamento com os coordenadores e professores com a professora Cristina e a comunidade



Fonte: Acervo dos autores, 2023

INÍCIO DAS ENTREVISTAS COM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II E OS ALUNOS DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNEAL

Auta Tânia do Nascimento Lima/ Ex-diretora da Escola Noé Simplício com alunas que fizeram parte do Projeto



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Lívia (UNEAL), Cícera Nunes/ SEMED, Cristina e Gustavo (UNEAL)



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Tereza dos Santos Pereira e Sebastião Cassemiro dos Santos (os irmãos Basto e Tereza)



Jorge Amâncio Taveira , alunos da UNEAL e da Escola Noé Simplício



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Ivone de Araújo Nunes (funcionária da escola entrevistada por Douglas) Rai e Mirelly(7º)



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Maria do Amparo Lima (Preta) com alunos e Douglas (UNEAL)



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Gustavo (UNEAL) Eduarda(9º), Dona Maria Ferreira dos Santos,
(Nem) e Mayara(Uneal)



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Professora Cristina em entrevista com Maria Lucia da Costa Santos Ferreira- (Lúcia da Pipoca Boni)



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Entrevista com Gildete Santos Vice diretora da Escola Noé Simplício



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Entrevista com a Professora Maria Monteiro



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Entrevista com Maubia Barros Padilha Farias- Coordenadora



Fonte: Acervo dos autores, 2024

Camila (UNEAL), Conrrado, Letícia (UNEAL) e Maria Luiza (7º)



Emilly(9º), Douglas (UNEAL) Dona TICA, Kauanne eNayane(UNEAL)



Letícia (UNEAL), Erasmo e Camila (UNEAL)



Professoras mencionadas pelos entrevistados Joilma, Zélia Ferreira(Zelinha), Verônica Cavalcante (Verinha) e Nilza



Pro-reitora de Extensão Sanadia Gama e Reitor Odilon Máximo
Tia Julia Prefeita de Palmeira dos Índios



Fonte: Acervo dos autores, 2024



Fonte: Acervo dos autores, 2024

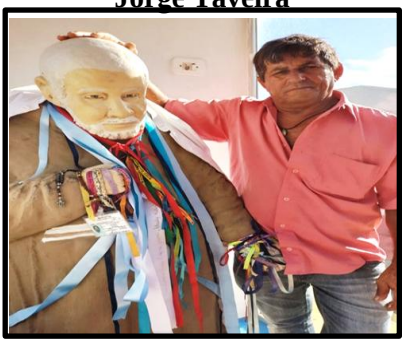


Fonte: Acervo dos autores, 2024

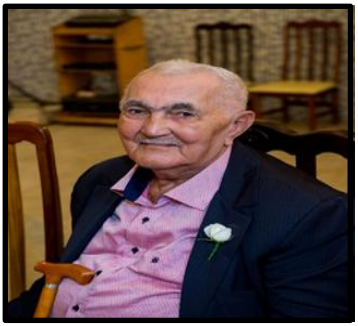
José Aluízio Taveira



Genivaldo Ferreira- responsável pela Festa de Padre Cícero
Jorge Taveira



José Moreno foi responsável pela Festa de São Sebastião por muitos tempo



Manoel Higino- grande liderança do Bonifácio



Primeira reunião com a comunidade para alinhar o Projeto



Da esquerda para direita: Gilberto (Gil)(cavaleiro), Assis Leone(locutor de cavalhada), Fernado Rocha (cavaleiro), Floro Augusto(cavaleiro), Carlinhos(vice-presidente da Associação), Jorge Taveira(presidente da Associação), Vanessa Bazilio(Diretora da Escola), Cristina Moreira (Coordenadora do Projeto/UNEAL), Lúcia Cleide (professora).

Preparação para a Primeira cavalhada do Projeto
A esquerda o aluno Everton (UNEAL)e um componente da banda de piano de Taquarana.



Primeira cavalhada adulta do Projeto



INAUGURAÇÃO DA ESCOLA NOÉ SIMPLÍCIO (Gestão do Prefeito Júlio César e do Governador Paulo Dantas)



Da esquerda para direita: Dindor, Vanessa , Tia Julia, Dona Dadá, Karla, ex-prefeito Júlio Cesar, Cristina Moreira e Lúcia (Pipoca Boni)

Equipe dos trabalhos intensivos

Vanessa (Diretora) e Vice-diretora Gildete



Cristina, Gildete, Vanessa, Maubia e Miria respectivamente (Vice-diretora, Coordenadoras e



Professoras que fizeram parte do Projeto no Ensino Fundamental Anos Finais
Maria Monteiro(Artes), Maria Verônica(História), Cristina e Márcia Rosângela(Geografia



Alunos da UNEAL/ Curso Geografia e a Professora Cristina responsáveis pelo Projeto de Extensão : Cultura do Lugar no Cotidiano Escolar



Cristina e Vanessa explicando a proposta do livro à comunidade







BANDA DE PÍFANO: Vanderson (Vine), Matheus, Davi, Felipe, José e Arthur



Cavaleiros de azul: Allan Vitor, João Miguel, Allan Melo, João Cavalcante e Guilherme- Lanceiro Fabrício
Encarnado: Arthur, Emanuel, Matheus, Elias e Nicolas da esquerda para a direita nome dos cavaleiros

Crianças: Maria Laura rainha do azul, Mikael José, Anthoni, Allan Melo, João Lucas, João Cavalcante e João Miguel- Fabrício lanceiro



Crianças de vermelho: Elias Gabriel, Anthoni, Edson, Maian, Arthur, Matheus, Emanoel, Mikeas e Lara

Adultos: Da esquerda para direita: Miria (coordenadora), Daniela (mãe de cavaleiro e funcionária da escola) Elisangela(funcionária), Keliane (mãe de cavaleiro e funcionária), Edmilson (técnico da SEMED), Demerval (funcionário), Gleice Kelli (mãe e funcionária), Daniela (mãe e diretora da Escola Mary Caparica), Vanessa (Diretora da Escola Noé Simplício) Ana Holanda (secretária Adjunta da SEMED), Ana Cristina (UNEAL) , Mariana Bruna (mãe e funcionária), Djelma mãe e funcionária, Fernanda (mãe de Laura rainha do azul e funcionária), Nilzélia (funcionária).

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO

Prefeita Luisa Júlia – Tia Júlia



O Projeto de Extensão e Curricularização Cultura do Lugar no Cotidiano Escolar, desenvolvido na Escola Municipal Noé Simplício do Nascimento, é um verdadeiro exemplo de como a universidade pode ser um elo de transformação e fortalecimento para a nossa comunidade. Ao resgatar memórias, valorizar tradições e reafirmar nossa identidade cultural, a UNEAL, através de seus professores e alunos, vem se tornando parte essencial dessa caminhada ao lado das escolas de Palmeira dos Índios.

É uma parceria que não só leva conhecimento, mas também aprende com a sabedoria popular, com a riqueza e a autenticidade do nosso povo bonifaciano. Este processo de troca é um presente para todos nós.

A Prefeitura de Palmeira dos Índios tem imenso orgulho dessa colaboração e reafirma o compromisso de seguir apoiando a UNEAL. Continuaremos a trabalhar juntos, porque acreditamos que quando a universidade e o poder público se unem, todos saem ganhando. A Secretaria Municipal de Educação, nossa parceira incondicional, está e continuará de portas abertas, sempre disposta a somar para que esse trabalho cresça cada vez mais.

Secretária de Educação de Palmeira dos Índios – Renilda Pereira de Oliveira Ribeiro



Fonte: Adelaide Paranhos, 2025

A relação Universidade e educação municipal que se estabelece, dentre outras formas, pela articulação de ações por parte da SEMEDE, permite diversificar possibilidades e oportunizar avanços culturais, sociais e materiais para a cultura local. O projeto Cultura do lugar no cotidiano escolar, proporcionou à Escola Municipal Noé Simplício um resgate cultural e incluiu os componentes da comunidade ali existentes, nesse processo de fortalecimento e conservação do seu patrimônio imaterial: as bases culturais que permanecem ativas influenciando valores, hábitos e o próprio estilo de vida local. A SEMED reconhece e parabeniza a Prof. Dra. Ana Cristina (coordenadora do projeto supracitado) por agir de modo a oportunizar a alunos, professores e comunidades momentos de falas e expressões artísticas, concluindo em grande resultado, não só para Palmeira dos Índios, mas para todo estado de Alagoas. Fomentar a cultura e o desenvolvimento intelectual será sempre o foco desta secretaria.

Ana Maria Holanda – Secretária Adjunta de Educação



Parabenizo a Professora Dra. Ana Cristina, pela realização do Projeto Cavalhada da Escola Noé Simplício. A iniciativa revela notável dedicação e criatividade, constituindo-se como um importante instrumento de preservação e valorização da memória cultural local. Ao integrar essa tradição ao cotidiano escolar, o projeto não apenas fortalece os vínculos comunitários, mas também promove a formação cidadã dos estudantes, destacando a relevância do patrimônio imaterial para o desenvolvimento educacional. A energia criativa mobilizada em torno da prática reafirma a escola como espaço de construção coletiva de saberes, em diálogo com a cultura e a identidade da comunidade. Que esse exemplo continue a inspirar e a orientar ações educativas comprometidas com a valorização de nossas tradições e um reconhecimento especial à parceria com a UNEAL, que tem sido fundamental para potencializar esse trabalho, unindo forças em prol da preservação cultural e da formação cidadã dos nossos estudantes. Essa colaboração mostra a importância da união entre escola e universidade para fortalecer a educação e a memória cultural.

Vanessa Basílio – Diretora da Escola Noé Simplício



De todos os projetos que a Escola Noé Simplício já participou enquanto eu estou na gestão, acho que o Projeto de Extensão da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, coordenado pela professora Cristina Moreira é que veio dar uma ênfase muito grande à escola, pois, ficou conhecida e reconhecida em Alagoas. São muitos convites para participar em outras localidades, seja na escola particular, na estadual, em eventos públicos como BIENAL e EXPOAGRO. É assim que estamos ressignificando as cavalhadas e a banda de pífano que já existiram aqui no Bonifácio como uma das nossas culturas. Com a UNEAL fazendo acontecer as cavalhadas dos adultos e a cavalhada infantil eu acho que daqui acho a 100 anos ela ainda irá fazer parte dessa comunidade e da escola. É um projeto sensacional!

Sanadia Gama – PRÓ-REITORA de Extensão/UNEAL



A Universidade Estadual de Alagoas, por ser uma instituição pública e que atende de maneira mais presente em diversos territórios do Estado de Alagoas, tem em sua origem e natureza a preservação e contribuição na educação superior do estado, em contato com o território e todas as suas manifestações culturais.

Organizadores – Ana Cristina de Lima Moreira, Lívia Maria Correia Araújo, Gustavo Souza Barros e Josefa Camila Santos da Silva



Estamos convictos que esta obra: Cultura do lugar no cotidiano escolar, que traz a memória do Povoado Bonifácio através da Escola Noé Simplício, não será engavetada! Ela servirá para que outros jovens conheçam e valorizem a sua história a partir do chão da escola! Nossos agradecimentos, aos cavaleiros, a Jileno (tocador quilombola), aos que contribuíram através das entrevistas e a equipe da Escola Noé Simplício.

Glossário

Apilar – Compactação do solo, realizada de forma manual ou mecânica
Associação - União de pessoas em torno de objetivos comuns, organizadas de forma coletiva para atender às necessidades e interesses do grupo;
Banda de Pífano - Grupo musical popular tradicional do Nordeste do Brasil, formado principalmente por instrumentos de sopro e percussão.
BOKUS - Marca de pipoca industrializada brasileira originada em Pernambuco;
Bonifest – Festival do Povoado Bonifácio em homenagem a São Sebastião, padroeiro da comunidade;
Canhões – Ou canhão de expansão, utilizado na produção de pipocas sob pressão e temperatura, resultando em grãos que estouram sem se despedaçar;
Cavalhada - Justas ou torneios em que há jogo da argolinha e outras diversões, oriundas da Europa na Idade Média;
Cooperativa – Entidades autónomas de indivíduos que se unem de forma voluntária com a intenção de satisfazer as suas necessidades econômicas, culturais e/ou sociais mediante uma corporação de propriedade conjunta, cujo controle é democrático
Cotidiano - Reunião dos atos habituais e permanentes que uma pessoa desenvolve no decorrer do seu dia;
Chimbra - Bola de Gude
Cuscuz básico – Flocos de milho cozidos no vapor, utilizando cuscuzeira,
Dessacralizada - Tirar o caráter sagrado de algo ou de alguém, ou seja,

deixar de considerar como sagrado, intocável, divino ou absoluto.

Extensão Universitária - Função social da universidade que promove a interação transformadora entre a instituição de ensino superior e a sociedade, por meio de um processo interdisciplinar, educativo e cultural, baseado na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;

Grelhinha – Pequeno fogareiro para assar carnes;

Lugar – O espaço vivido, carregado de significados, construído pelas relações entre as pessoas e o ambiente.

Novena – Conjunto de orações que dura 9 (nove) dias, destinado a um(a) Santo(a) para alcançar um objetivo;

Padroeiro – Santo a quem é dedicada uma localidade, povoado ou templo;

Parabólica – Antenas de ondas de rádio usada para receber sinais de TV via satélite;

Rito - Um conjunto de práticas, gestos, palavras e símbolos realizados de forma organizada dentro de uma religião ou tradição espiritual, com o objetivo de estabelecer uma relação entre o humano e o sagrado;

Soqueira – Resquícios de raízes de plantações, termo utilizado geralmente após corte da cana-de-açúcar.

Tríduo - Período de tempo compreendido no espaço de três dias consecutivos;

Xerenzada – Milho ralado com a massa mais grossa que não é utilizado para cuscuz.

ÍNDICE REMISSIVO

Açude: 34, 35, 45, 48.

Associação: 13, 28, 39, 41, 51, 52, 54, 59, 67, 77, 119, 130.

Cavalhada: 12, 13, 68, 69, 70, 71, 74, 76, 77, 79, 80, 87, 105, 109, 110, 119, 120, 126, 128, 130.

Cemitério: 31, 36, 42, 47, 65.

Ciganos: 30, 31, 32.

Fazenda: 19, 20, 35, 74, 98.

Geografia: 12, 13, 16, 25, 34, 41, 51, 62, 82, 91, 101, 103, 112, 121, 122.

Igreja: 13, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 30, 62, 63, 66, 68, 71, 73, 77, 84, 85, 86, 87, 88.

Religiosidade: 62, 63, 64, 65, 67, 73, 78, 106.

Roça: 25, 30, 35, 39, 42, 97.

Palmeira dos Índios: 12, 16, 18, 20, 22, 23, 28, 43, 54, 62, 63, 69, 82, 91, 96, 103, 106, 107, 110, 117, 125, 126.

Pipoca: 16, 17, 25, 41, 43, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 74, 82, 115, 120, 130.

Quebrangulo: 16, 66, 69, 80.

PROJETO DE EXTENSÃO: CULTURA DO LUGAR NO COTIDIANO ESCOLAR

Escola Municipal Noé Simplício do Nascimento
Povoado Bonifácio em Palmeira dos Índios (AL)

Esta obra é resultado da proposta do Projeto de Extensão e Curricularização, conforme Edital nº 068/2023 da Pró-reitora de Extensão – PROEXT, aprovado pelo Colegiado do Curso de Geografia/UNEAL, Campus III, intitulado: "Cultura do Lugar no Cotidiano Escolar." As ações estão sendo realizadas em Palmeira dos Índios, no Povoado Bonifácio, mas especificamente, na Escola Municipal Noé Simplício Nascimento, desde dezembro de 2023 aos dias atuais.

O Projeto tem o objetivo de trabalhar a Geografia Cultural enfatizando diversas áreas do conhecimento, buscando compreender o cotidiano dos sujeitos que vivem na comunidade. Nesse propósito, foi feita uma pesquisa tendo como protagonistas os alunos do Ensino Fundamental da Escola Noé Simplício e os moradores do Bonifácio relacionando às questões socioculturais que caracterizam o lugar, proporcionando uma compreensão mais profícua dos afazeres que identificam a cultura, dentre elas a religiosa e suas tradições que estão relacionadas a Festa do Padroeiro (cavalhada), os atos devocionais e a influência na comunidade. O propósito foi explorar o cotidiano e a vivência das pessoas através de entrevistas semiestruturadas realizadas com os alunos da UNEAL/Geografia (7º período) e os alunos da Escola Noé (7ºs aos 9ºs anos). A partir das memórias, deu-se início a produção do livro do Povoado Bonifácio trazendo uma experiência rica em conhecimentos, aprendizados e vivência com os moradores da comunidade, bem como a oportunidade de, principalmente, os alunos e pessoas de outras comunidades conhecerem melhor a história do Povoado com seus desafios, lutas, realizações e as expectativas.

Prof.ª Dr.ª Ana Cristina de Lima Moreira

Editora GPHIAL